

MARINA FEIJÃO



O CENTRO DE TODO O CAOS

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

O Centro de Todo o Caos

Marina Feijóo

Copyright © 2021, Marina Feijóo

Leitura sensível: [Livia Ferreira](#)

Diagramação digital: [GL Editorial](#)

Capa: [Maria Abelhas](#)

Marina Feijóo

O Centro de Todo o Caos

2ª Ed.

São Paulo - SP, 2021

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor.

A violação de direitos autorais é crime previsto na lei nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor, qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos desta edição reservados à autora.

Aviso de gatilho:

Depressão, luto, ideação suicida, menção a suicídio e automutilação. Apesar dos temas sensíveis, o livro NÃO possui cenas gráficas, mas é recomendado ler com cuidado.

*Dedico esta história a todo mundo que
sofre com perdas, de si mesmo e dos outros.*

*Dedico esta história a todo mundo
que está entre lutas e lutos.*

*E dedico esta história
ao meu amigo querido.*

Te carrego no peito comigo e, agora, neste livro.

ÍNDICE

DIREITOS AUTORAIS **QUERIDA FAMÍLIA**

DIA 01

DIA 174

DIA 185

DIA 187

DIA 187

DIA 27

DIA 187

DIA 30

DIA 187

DIA 36

DIA 187

DIA 188

DIA 41

DIA 188

DIA 191

DIA 49

DIA 191

DIA 50

DIA 191

DIA 52

Dia 193

DIA 57

DIA 193

DIA 63

DIA 194

DIA 64

DIA 195

DIA 64

DIA 195

DIA 74

DIA 199

DIA 91

DIA 199

DIA 97

DIA 200

DIA 104

DIA 207

DIA 224

DIA 326

DIA 123

DIA 266

DIA 365

RECADO FINAL

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

Querida família,

Eu fugi. E deixei aqui este recado porque não quero que achem que foi culpa de vocês. Nunca foi culpa de ninguém além de mim. Vocês sempre foram ótimos comigo, muito mais do que eu merecia, e é por isso que fujo: porque não mereço tudo isso. É uma vida boa demais pra uma pessoa boa de menos. Vocês são céu azul, eu sou nuvem pesada e chuvosa. Chega. Chega de apagar o brilho dos outros. Eu me vou, eu me fui e não volto.

Se amem, se cuidem e não procurem por mim.

DIA 01



— Eu disse pra não me procurar... — a garota murmurou ao atirar o celular no mar.

Demorou menos que um dia para que sua ausência fosse notada como problema. E mais duas horas até que a mãe encontrasse o bilhete deixado no fundo da gaveta. Para a sorte dela e azar da família, foi tempo suficiente para que o ônibus alcançasse o destino.

O lugar que se tornaria um novo lar.

Seis horas de viagem de São Paulo até o Rio de Janeiro, mais duas horas vagando a esmo pela cidade, buscando pelo conforto das ondas tocando os pés e então as ligações incessantes começaram. Já eram doze chamadas quando ela atirou o aparelho contra a água.

Um desperdício, as pessoas diriam, mas desperdício era viver em função da tecnologia, ela responderia. Antes mesmo de tomar aquela atitude drástica, já havia deletado a vida virtual.

Restava agora os resquícios da vida real e ela tinha toda a intenção de fazer valer a pena. Queria sentir a areia tocar-lhe a pele escura, ouvir o grito de crianças, molhar o rosto com água salgada, encontrar um lugar onde trabalhar para viver *de verdade*, não como a vida que tinha arrastado pelo último um ano e meio.

Aquela era a chance de superar o sofrimento.

Eu não consegui fugir da depressão.

Ela me seguiu até o Rio, me encontrou já no primeiro mês e passou a morar comigo no quarto do hostel. Eu durmo na beliche de baixo, ela dorme acima de mim. Achei que viver na Cidade Maravilhosa me traria alguma paz, mas me enganei. Lembro quando vim aqui pela primeira vez, junto com meus pais, e senti que pertencia a este lugar.

Não senti o mesmo dessa vez.

Fugir de casa, da minha cidade, do meu estado não foi suficiente. Ainda quero fugir mais. Será que se chegasse a outro país, estaria onde eu queria? Ou será que preciso fugir do planeta? Da órbita? Da existência?

Eu só quero sumir.

(10/09/2018)

DIA 174



— Você não é daqui, né? — a enfermeira perguntou, simpática demais para a situação, e a garota balançou a cabeça de forma negativa. — Seu sotaque não engana. É de São Paulo?

— Santos, litoral do estado. Mas morei na capital também.

— Olha só, você já é da praia! Tem família por aqui? — Mais um balanço fraco e negativo de cabeça. A enfermeira continuou a anotar na prancheta. — Amigos? — Outra negativa. — Então, o que veio fazer no Rio e o que te levou a fazer *isso*?

O olhar da mulher desviou para o braço enfaixado da garota que encobria cortes sobre a pele escura, de quem

sabia o que estava fazendo. Em seguida, ela verificou a bolsa de sangue que era injetada nas veias da menina, para garantir que ela iria sobreviver.

— Eu vim tentar a vida, mas percebi no meio do caminho que não valia a pena viver.

— Ah, mas você ainda é muito nova! Tem muita coisa pra acontecer ainda — A enfermeira tentou ajudar com otimismo, balançando os braços gordos com uma animação forçada. Mas o comentário surtiu efeito contrário: muita coisa para acontecer não significava que seria algo *bom*. — Que sorte a moça do hostel te achar a tempo!

— Depende do que você considera sorte... — resmungou. — Eu sigo viva, mas sem onde ficar ou trabalhar. Pra mim, isso é azar.

— Você deveria voltar para sua família. Alguém que está passando por um momento difícil desses não deve ficar sozinha, de jeito nenhum! — ela comentou, empurrando o óculos de grau pelo nariz protuberante antes de voltar a arrumar o quarto de hospital. — Aliás, precisamos do telefone de algum contato. Me diga o número dos seus pais.

A contragosto, a garota passou o número da casa em Santos. Poucas pessoas ainda usavam telefone fixo, mas a mãe era uma delas, avessa à tecnologia. A enfermeira a deixou sozinha por um breve momento na maca e foi até a recepção, ajeitando o coque firme e vermelho no

topo da cabeça. Então, pediu para que uma secretária ligasse para o número.

"Esse número de telefone não existe."

A mulher logo retornou com as más notícias.

— Que estranho... — a menina pensou em voz alta, franzindo o cenho.

Pelo jeito, não tinha sido a única a fugir de qualquer contato. Talvez a família só estivesse esperando que ela desse o primeiro passo em direção ao distanciamento.

— Não tem outro número? — a enfermeira perguntou.
— Um celular?

— Eu só sei o de casa.

— E você não tem anotado em nenhum lugar? Aliás, você não tem celular, não? — A garota se reservou o direito de só balançar a cabeça negativamente. Não queria ter que explicar que havia jogado o aparelho no mar. — Assim você me complica, minha filha. Mas não se preocupa que eu não vou te deixar sozinha.

No entanto, a menina se preocupava, pois tudo que ela queria era ficar sozinha.

Eu devia ter me atirado ao mar, para nunca mais voltar.

Mas estou aqui, em cacos e cicatrizes.

Eu devia ter me jogado na morte certa.

Das duas, uma:

Ou morreria no impacto contra a água e as pedras,

Ou morreria afogada e seria levada pela correnteza.

Mas estou aqui.

Escrevendo mais um relato ridículo.

(15/09/2018)

DIA 185



— Ei, promete pra mim que vai voltar pra sua família, ein? — exigiu a enfermeira, que naquele momento não era nada além de uma mulher preocupada, não definida pela profissão. A garota aprendeu a chamá-la de Rita nos dias que passou na casa dela. Uma grande mulher, no sentido literal e figurado, que a acolhera como ninguém. — Pensa na confiança que eu tô depositando em ti, viu? Você é linda e muito inteligente. Foi bom te ter lá em casa e sei que sua família vai ficar feliz em te receber de volta.

A garota assentiu com a cabeça. Não tinha paciência para retrucar, até porque Rita sabia ser tão teimosa quanto ela. Mas não se achava nada daquilo. Sentia-se

mais como um estorvo, que ocupava um espaço destinado a algo melhor.

Por isso, Rita estava mandando ela embora.

— Desculpa por tudo — disse, cutucando a ponta da bandagem sob o casaco.

— Tá pedindo desculpa pra mim por quê? Você não me fez nada de ruim! Muito pelo contrário, me ensinou a baixar filme e me fez companhia! Venha cá! — disse a mulher, puxando-a pelos ombros. As duas pararam em frente ao ônibus estacionado na rodoviária. Na janela escura dele, era possível ver um reflexo quase nítido. De um lado, Rita, com os cabelos tingidos de vermelho em contraste com a pele branca. Do outro, ela mesma, com os cachinhos maltratados, os lábios grossos mordidos e rachados, os olhos castanhos profundos e cansados. — Aqui tá a pessoa pra quem você tem que pedir desculpa.

A garota desviou o olhar. Não havia como "desculpar" quem era feita de pura culpa. Se assim o fizesse, deixaria de ser ela mesma. Desculpar-se significava desfazer-se.

— Eu acho que preciso entrar já — anunciou, virando-se para Rita. Forçou um sorriso, mas só porque a mulher merecia. — Obrigada pela passagem.

— Se for pra você ficar bem, vale a pena — Rita respondeu e puxou a garota para um abraço apertado que durou longos minutos. A menina fechou os olhos, sentindo um calor já há muito tempo apagado. Por fim, largou o abraço, a contragosto, e adentrou no ônibus.

Ela escolheu um assento ao lado da janela e deixou a cabeça tombar contra o vidro. Viu Rita acenando, mas não correspondeu.

Logo o ônibus partiu.

Tentou dormir, porém a angústia de estar voltando para casa a impediu.

Canção da Fuga

*Minha terra tem tristezas,
Onde chora o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Rejeitam o lado de lá.*

*Nosso céu tem mais poluição,
Nossas várzeas têm mais lixo,
Nossos bosques não existem,
Nossa vida é só dores.*

*Em cismar, sozinha, à noite,
Menos quero voltar pra lá;
Minha terra tem tristezas,
Onde chora o Sabiá.*

(25/02/2019)

DIA 187



O ônibus estacionou no Terminal Tiête pela manhã e o sol machucava seus olhos, que em nenhum momento haviam pregado. O início de mais um dia era sempre difícil, mas era ainda pior quando não havia sono entre eles. Eram mais horas para pensar sobre como tinha falhado. Em estudar, em trabalhar, em namorar, até em se matar. E, claro, em fugir também...

Afinal, estava de volta! Infelizmente!

Ela arrastou a mala sem nenhuma pressa até a bilheteria que separava a rodoviária do metrô. Tinha uma fila enorme ali e ela estava sem bilhete. Menos de dez minutos em São Paulo e a maldita cidade já começava a testar sua paciência.

Cidade difícil e temperamental, como ela mesma.

Nos outros dez minutos que passou na fila, lembrou-se do Rio e lembrou-se de Santos. Não havia sido feliz em nenhuma das duas cidades, mas ao menos sempre tinha a possibilidade de chorar na praia. Era melhor do que chorar na fila do metrô.

Chegou sua vez na fila e ela cogitou por um momento dar meia volta para pegar o próximo ônibus que retornasse às terras cariocas. Mas então lembrou-se de Rita e de como insistira para que a garota buscasse a família. Depois de tudo que a mulher tinha feito, seria egoísta não cumprir esse simples pedido...

E ela não queria ser egoísta. Não mais.

Comprou o maldito bilhete, reclamando do preço que tinha aumentado naqueles seis meses, e seguiu até a plataforma. Quando parou diante da faixa amarela, percebeu que não sabia bem o que fazer ou para onde ir. Sua família, propriamente dita, ainda residia em Santos e o ônibus para lá não saía daquela rodoviária. Teria que pegar o metrô percorrendo toda a linha azul, quase vinte estações, para, então, embarcar em mais um ônibus de viagem e aguentar mais uma hora de estrada até o litoral paulista.

Definitivamente, não estava disposta. Era humilhação e viagem demais para um só dia.

Olhou para o trilho do metrô e considerou dar um passo adiante. Já estava na borda, com os pés pouco a frente da faixa amarela que demarcava o limite de

segurança para evitar acidentes. Mas nesse caso não seria acidente. E seria tão fácil dar só mais um passo...

Mas parou.

Lembrou-se de Rita.

E aguardou pacientemente o vagão.

DIA 187



A garota desceu na linha amarela, perto da antiga faculdade.

Tinha prometido à Rita que buscaria a família, porém não dissera qual. Amigas podiam ser consideradas um tipo de família, não?

Caminhou pela avenida, mirando a calçada levemente esburacada, até alcançar o prédio de seis andares. Largou a mochila pesada no chão e caçou o molho de chaves. Por mais que quisesse sumir e nunca mais ter que usar nenhuma delas, não seria tão imprudente ao ponto de jogá-las ao mar como o celular. Além de úteis, elas serviam como lembrete de que, apesar de tudo, ela ainda tinha um lugar próprio no mundo.

A primeira chave, do portão exterior, entrou com facilidade. Ela girou e abriu, seguindo pelo corredor que levava até a parte interna do prédio. Depois vieram os quatro lances de escada, arrastados, até chegar na porta do apartamento que costumava chamar de lar.

Ou de república.

Durante os bons anos de vida universitária, um era sinônimo do outro.

A mão da garota tremia enquanto buscava a segunda chave. Não sabia com que cara aparecer depois daqueles seis meses. Suas amigas iam brigar com ela, tinha certeza. E se ela mesma não entendesse os motivos que a levaram a tomar tamanha atitude drástica, ela também brigaria. A não ser que... elas nem sequer tivessem notado a ausência.

Mas tinham sido *seis* meses de sumiço no Rio de Janeiro.

Não tinha como *não* notar.

Ou tinha? Desde que tinha voltado a morar com seus pais, pouco antes de fugir, ela já não saía mais, cancelava todos os compromissos, não conseguia manter conversas pelas redes sociais e quando finalmente se viam, não sabia o que falar.

Ela já estava ausente muito antes de se ausentar fisicamente.

Pensou dez vezes antes de enfiar a chave na fechadura.

Queria acreditar que o pior que podia acontecer era elas não deixarem que passasse o dia e a noite ali, mas no fundo sabia que o pior seriam os questionamentos. O pior seria ter que encarar de frente a situação e falar de todos os seus problemas.

Girou a chave com o coração na boca.

Abriu a porta sentindo a respiração pesar cada vez mais.

Observou abismada o apartamento. Tinha mudado completamente.

A mesa de vidro foi substituída por uma mesa de madeira, que combinava com uma nova estante azul encostada na parede onde antes ficava uma samambaia chamada Bahia. O sofá não era mais de couro, mas um colchão sobre um *palett*, e onde ficava um *puff*, agora tinha um móvel com uma TV. Alguns quadros coloridos enfeitavam a parede onde antes estavam coladas fotos dela e das amigas. Era um outro lugar. Novo e muito melhor.

Deixou a mochila desabar em puro choque, sem conseguir acreditar no que via. Tinha passado anos tentando fazer com que as meninas concordassem em arrumar a casa para descobrir que tudo que elas precisavam era que ela fosse embora.

Queria cultivar pessoas como cultivo paranóias.

Todo dia as rego com novos medos, diferente das minhas amizades que, por falta de energia ou coragem, deixo secar e murchar. Morrer. Talvez a solução para minha solidão seja me aproximar de pessoas que sejam como cactos: pessoas que não precisam de palavras constantes para crescerem perto de mim, embora permaneçam intocáveis devido aos espinhos. É que gosto de pensar que prefiro me arriscar a tocar os espinhos de alguém, sabendo que posso me machucar, do que permanecer sem ninguém. Mas sei que não é verdade, pois, como já disse, me falta coragem.

E logo vem a realidade me lembrar que até mesmo as plantas mais secas precisam de luz para crescerem saudáveis. O mesmo serve para relacionamentos. Só que eu sou pura escuridão, como uma noite de São Paulo na lua nova, cujas estrelas foram engolidas pela poluição. Vejo em mim, também, toda essa sujeira e acredito que ela tenha contaminado o meu solo... Por isso, nada mais cresce aqui. Não tem flor, não tem fruto, não tem vida. A terra virou cimento, restringindo relacionamentos e sentimentos, e sobrou apenas arrependimentos. Me fiz cidade, almejando ter controle sobre a natureza sempre tão espontânea e faceira, mas, assim, acabei por construir muros em volta de mim que se recusam a cair.

Me tornei solo infértil.

Me tornei solo. Sozinha. Só.

(??/2018)

DIA 27



— Por que você tá me convidando? — ela perguntou, desconfiada.

— Porque a gente tá trabalhando e morando juntos já faz um mês e nunca trocamos meia dúzia de palavras. — O garoto deu de ombros como se fosse óbvio, enquanto esfregava o chão do banheiro. — Além disso, é meu aniversário e se eu conseguir levar mais de dez convidados pra essa festa, eu ganho uma vodca.

Ele era magro, tinha cabelo comprido, uma barbicha que dava dó e usava óculos redondos. Branco demais para quem morava no Rio de Janeiro. Gabriel era o nome dele, ou algo do tipo. Tinham conversado três vezes ao

todo. Ela se lembrava disso porque se impressionava toda vez que descobria que não era, de fato, invisível.

— Ah, então realmente tem uma segunda intenção...

— Exatamente, é *segunda* intenção, porque a primeira e mais importante é te conhecer.

— Eu sou lésbica — ela retrucou, sem dar abertura.

— Impressionante, já está funcionando! Eu estou te conhecendo! — Gabriel brincou, levantando os braços. A simpatia parecia genuína. Ela estranhava, mas gostava.

Lembrava muito o antigo amigo com quem não podia mais conversar.

Ela ficou sem saber o que dizer, afinal, não tinha como partir para a defensiva quando a outra pessoa não atacava. Notou, então, que na própria cabeça só existiam respostas negativas. Precisou se esforçar para conseguir dizer:

— Eu... vou pensar no caso.

Eu não consegui fugir da lembrança dele. Nem de tudo que aconteceu.

Esse menino muito parecido me encontrou aqui no Rio, ao fim do primeiro mês, e passou a falar comigo pelo hostel. Eu fujo, mas ele vem atrás. Achei que viver longe de São Paulo me traria alguma paz, mas me enganei. Lembro quando falei com ele pela primeira vez, junto com a Aline, e senti que precisava ser sua amiga.

Não senti o mesmo dessa vez.

Fugir da república, da faculdade, do meu círculo social não foi suficiente. A memória dele ainda me persegue, agora em forma física. Será que se eu fugir do Gabriel, eu consigo acabar com essa péssima nostalgia?

Eu só queria ele aqui.

(30/09/2019)

DIA 187



Irritada, a garota deixou a bolsa na sala e foi bater na porta do quarto. A mão pesada contra a madeira produziu um som agressivo que arranhou os ouvidos.

A porta se abriu num tranco. Do outro lado, estava uma menina com uma toalha enrolada na cabeça. Também irritada, ela nem viu quem era antes de gritar:

— Renata, eu juro que se você vier brigar *de novo* por causa da porra da louça, eu vou te matar enquanto você dorme! — Só, então, notou seu erro. — Você não é a Renata! Quem é você?! O que você tá fazendo aqui?! Como entrou?!

— Eu é que pergunto quem é você! — ela rebateu de imediato.

— Que isso?! Tá maluca? Você não pergunta nada, não! Eu tô na minha casa!

A nova moradora do apartamento parecia mais desnorreada do que brava.

— Desculpa, eu não sabia, eu só... — Pensou em explicar, mas seria coisa demais. Foi pelo caminho mais curto. — Cadê a Aline? Eu precisava falar com ela.

— Não tem Aline nenhuma aqui — respondeu. — Como você entrou?

— Eu morava aqui antes, ainda tenho uma chave.

— Ah... Então, você é a garota perdida. — Pelo visto, ela agora tinha um apelido. Um que combinava intrinsecamente com quem ela era. — Olha, eu não sei se você percebeu, mas as meninas que moravam aqui antes saíram já faz um tempo.

Agora, toda a decoração nova fazia sentido. Era um pouco melhor saber que não foram suas amigas a mudar tudo, mas era pior saber que elas tinham deixado a casa para trás sem que ela soubesse. Não dava para culpá-las, claro, e ela nem queria.

Culpava a si mesma, sempre, por ter se levado àquela situação.

— Há quanto tempo isso aconteceu? — perguntou, sentindo o chão sumir sob os pés. — Você sabe pra onde elas foram? Ou por que elas saíram daqui?

— Sei não. Mas já vai fazer uns três meses.

Três meses! Era muito tempo para recuperar.

A república, seu único lugar no mundo, havia acabado.

Aquilo, sim, era o pior que podia acontecer. Sentiu até mesmo saudades do nervoso de antes, quando ainda pensava em se sentar no sofá e chorar as mágoas acumuladas. Teria sido horrível, sim, mas teria sido *algo*. Agora lhe restava o nada.

Contemplou o vazio da vida para a qual ela havia caminhado.

*Era uma casa muito engraçada
Não tinha amigas, não tinha nada
Eu não podia entrar nela não
Porque a vida tirou meu chão*

*Eu fiquei sem nenhuma rede
Nem fotos minhas pela parede
Não tinha mais pra onde fugir
E nem podia ficar ali*

*Não me restou nenhum afeto
Voltei às ruas, pra estaca zero*

(26/02/2019)

DIA 30



— Você perdeu um baita rolê — Gabriel disse, encostando-se no balcão de recepção.

Eram quatro da manhã quando ele voltou junto dos outros funcionários do hostel. Ela foi uma das únicas a ficar e, por isso, acabou como recepcionista. Não era sua função principal, odiava se expor e não sabia falar com pessoas. Honestamente, também não era de interesse do hostel colocá-la na fachada. Eles preferiam os Gabrieis da vida, brancos e simpáticos.

— Sinto que eu deveria achar isso ruim, mas... — ela respondeu, dando de ombros, e ele riu. Gabriel ria muito, algo que ela apreciava em silêncio e com nostalgia.

— Você é do tipo “prefiro café e livros”? — ele perguntou, apontando para o livro no colo dela. Uma versão de bolso da Agatha Christie que ela comprou numa banca qualquer. Mal sabia ele que ela só estava lendo porque não tinha mais celular.

— Olha, é perfeitamente possível uma pessoa gostar de livros e de festas, ok? Eu não sei porque acham que uma coisa exclui a outra. E eu prefiro vodca à café.

— É seu dia de sorte, então, porque é exatamente isso que eu tenho comigo! — ele disse, levantando a garrafa de vodca como troféu. — Tcham-ram!

— Você conseguiu a vodca! — ela exclamou, animada, sem pensar antes de falar. Mas logo vieram os pensamentos negativos se enrolarem na fala dela. — Viu? Você nem precisava de mim. Não ter ido não fez diferença alguma.

— Mas eu nunca disse que precisava, achei que eu já tinha deixado isso claro na outra conversa. E fez diferença porque demorei mais tempo pra descobrir que você gosta de encher a cara. — Ele balançou a garrafa na direção dela, como um convite. — Mas me conta, por que você não quis comemorar o meu aniversário e nem se lembrou de me dar parabéns?

Ela tinha se lembrado, sim, mas não contaria a ele que passara os últimos dias pensando se deveria ou não dar os parabéns. A possível amizade entre eles era boa demais para ser verdade, tanto que custava a acreditar. E se fosse alguma zoeira? E se ele realmente tivesse

segundas intenções, mesmo depois de saber que ela era lésbica? E se ele só quisesse amizade para folgar em cima dela depois?

Afinal, por que ele, que tinha mais de dez amigos, ia querer ser amigo *dela*?

Sem respostas, acabou desistindo de dar parabéns e fugiu o dia todo.

— Desculpa, eu estava ocupada, mas parabéns — disse, por fim.

— Credo, que desanimado... — ele resmungou, fazendo uma careta.

— É o que eu tenho pra hoje — rebateu. — Bem-vindo ao meu mundo.

Diante da resposta, Gabriel abriu um sorriso. Não que precisasse de muito para fazer o garoto sorrir, mas aquele em específico carregava um brilho diferente.

— Obrigado! E você também seja muito bem-vinda ao meu.

DIA 187



— Não pode ficar sentada aqui, não — o segurança do metrô disse ao se aproximar da garota que chorava. Clássico de São Paulo, essa frieza sem tamanho.

Se não estivesse tão abalada, talvez tivesse respondido que aquilo era um absurdo, pois já tinha passado quatro horas sentada no chão de outra estação, naquele mesmo dia. Mas como já estava sem casa, sem celular e sem alguém que pudesse lhe ajudar, decidiu que era melhor não se meter em confusão, principalmente com autoridades.

Levantou-se a contragosto e olhou o horário no painel. Já era noite. Quase nove horas.

Balançou a cabeça e decidiu que deveria tomar um rumo antes que a noite se aprofundasse. Tinha duas opções: pagar por um quarto em um hotel qualquer ou buscar ajuda de uma pessoa específica. A única que ofereceria lugar para ficar.

Nanda. Sua ex-namorada.

Por um breve momento, pagar o quarto de hotel e fingir que ainda estava no Rio pareceu uma ideia incrível. No entanto, pensou em Rita. Pensou que não lhe cabia mais continuar gastando dinheiro a toa. E, então, pensou em Nanda novamente.

E Nanda sempre foi uma bela motivação.

São Paulo. Cidade que me rejeita, me sufoca e me torna cada vez mais fria. Cidade que me trata com indiferença e que me lembra a todo instante o quanto sou pequena. Cidade que me alucina com tantas possibilidades que nunca vou alcançar e me faz pensar que talvez, só talvez, eu pudesse ser algo grande como ela. Cidade que me afasta de tudo e de todos, ao mesmo tempo em que me comprime com tudo que há no mundo, em um minúsculo espaço como vagão de metrô em horário de pico. Cidade sem vida, pintada por cinzas.

Talvez esse seja o meu lugar.

(26/02/2019)

DIA 36



Quando não usava o fim de dia para dissolver na cama do hostel, a garota perdida ia até alguma praia, procurando um pouco de calma. Não tinha uma favorita, embora tivesse uma mais perto que a seduzisse na maioria das vezes por pura preguiça. Ainda assim, cultivava um plano secreto de conhecer todas, chorar em todas e beber em todas.

— Então, é esse o seu rolê? Praia, bebida e um livro?
— Gabriel perguntou, sentado ao lado dela na areia fofa. O sol já tinha se posto, mesmo assim eles encaravam o horizonte, sem mirar um ao outro. Ele, sem camisa e com uma bermuda colorida. Ela, de moletom cinza.

— Eu não chamaria de rolê. Sou só eu e mais ninguém.

— É tipo um luau em que ninguém foi convidado. Exclusivo! — ele retrucou e ela gostou da perspectiva. Soava menos patético. Abriu um pequeno sorriso, enquanto observava o garoto misturar vodca com suco em pó em uma garrafinha de água. — Você não sai pra turistar também, não? — Ela fez que não com a cabeça. — Posso saber o que você tá fazendo aqui pelo Rio se não é pra ser turista?

— Não. — Foi direta e reta.

Para saber o que a levaria até lá seria necessário adentrar a fundo nos traumas que carregava no peito. Talvez até no corpo todo, principalmente nos braços. Não estava preparada para se mostrar tão vulnerável, pois, assim ele alcançaria o mesmo patamar de intimidade de todas as pessoas que ela fez questão de deixar para trás.

— E você? Tá aqui só pra turistar? — ela perguntou, desviando a conversa.

— Na prática, sim. Eu tô tirando um semestre sabático, sabe? Pra descansar da vida real e tentar me reconectar comigo mesmo, essas coisas de burguês safado.

— E você é? Um burguês safado?

— Ah, acho que sou, né? — respondeu, rindo, enquanto tomava um longo gole.

— E não tem vergonha de dizer isso em voz alta?

— Muda alguma coisa se eu não disser? — O questionamento a pegou de forma certa. Sentiu a culpa subir por seu estômago, ácida. — Eu vou continuar sendo um burguês safado, só que em segredo. Parece pior, não?

— É, acho que você tem razão.

Eu não entendo como posso ser tão infeliz.

*Logo eu, que tudo tenho. Logo eu, que sempre
consegui o que quis.*

*Sou a prova, infelizmente viva, de que dinheiro não
compra felicidade.*

*Eu sei, é feio dizer uma coisa assim. Por isso, não
digo.*

Escrevo.

*(Se a ingratidão tem um rosto, eu a vejo todo dia no
espelho)*

(??/2018)

DIA 187



— Qual o seu nome? — perguntou o porteiro.

Ela respondeu, irritada com o fato de que ele nunca tinha decorado sua cara. Tudo bem, tinha sumido pelo último ano, mas antes disso frequentava aquele prédio semanalmente. Sempre com o mesmo sorriso, sempre o mesmo apartamento, sempre o mesmo nome.

— Pode subir — ele informou, só então abrindo o portão.

Ela respirou fundo e entrou no prédio. As mãos estavam trêmulas e o coração começava a disparar. Sabia que seria difícil, mas a ficha tinha finalmente caído. Estava pedindo refúgio para a ex-namorada.

A que ponto tinha chegado?

O elevador parou no sétimo andar e, por um momento, ela cogitou dar meia volta e ir embora. Deslizou o indicador pelo botão do térreo. Travou. Voltou atrás em voltar atrás. Já estava ali mesmo. Não tinha como fugir da bronca inevitável. Quando desceu do elevador, deu de cara com a porta já aberta. Nanda a esperava.

Ela havia mudado, mas ainda era a mesma garota de quem se lembrava. O cabelo agora caía em trancinhas coloridas e ela logo notou uma tatuagem nova no braço esquerdo, porque Nanda sempre usava regatas mesmo quando o clima de São Paulo estava cinzento e frio. A pele marrom dela reluzia, assim como os olhos castanhos emocionados.

— Meu Deus, é você! É você mesmo! — Nanda gritou antes de saltar para cima da ex-namorada em um abraço apertado. A outra garota, que foi preparada para a guerra, não soube o que fazer diante de tanta felicidade.

— Eu achei que você ia ficar brava.

— Eu ainda vou ficar, pode ter certeza, mas antes me deixa comemorar que você está viva. — Ela não via aquilo como motivo para comemorar. Com um suspiro profundo de ambas as partes, o abraço se rompeu. Um sorriso perdurava no rosto de Nanda, apesar das lágrimas que se acumulavam nos cantos dos olhos. — Você já jantou?

Nanda a conhecia bem demais para saber que, em meio às turbulências da vida, a comida era sempre

esquecida. Ela fez que não com a cabeça.

— Então, entra que tem um macarrão delícia que meu pai fez.

— Não quero encontrar seus pais... Vai ser vergonhoso e eles vão me odiar.

— Deixa disso! Meus pais vão ficar felizes em te ver!

— Também não quero ninguém feliz em me ver — respondeu, olhando para o chão, pois se olhasse para Nanda, veria a decepção estampada no rosto dela. Já tinha visto outras vezes antes e era doloroso. — Eu só quero um lugar para dormir essa noite...

— E eu achando que ia demorar mais tempo pra eu ficar brava... — Nanda resmungou, balançando a cabeça negativamente. Fez um “tsc” com a boca e, então, cedeu: — Tá, corre lá pro meu quarto que eu vou pegar um pouco de comida pra você.

*Essa noite eu sonhei que estava tudo bem.
Sonhei que tinha gente que me amava,
Sonhei que eu não era uma fracassada,
Sonhei com gente que já foi embora,
Sonhei que eu não era a pessoa de fora,
Sonhei que eu tinha pra onde voltar,
E mais do que isso,
Sonhei com um mundo onde eu queria ficar.
Sonhei que estava tudo bem
E meu maior desejo era nunca mais acordar.*

(27/02/2019)

DIA 188



Ela acordou de um dos sonhos mais profundos que tivera nas últimas semanas. Tão profundo que demorou a entender onde se encontrava, pois o sonho se misturou à realidade e às memórias conturbadas. Virou-se vagarosamente na cama confortável e, então, deu de cara com a parede repleta de ilustrações coladas. Abriu um pequeno sorriso, não por estar de volta àquele quarto, mas por notar o quanto o traço de Nanda tinha melhorado naquele último ano. O sorriso aumentou quando constatou que, apesar disso, os desenhos continuavam sendo a cara dela. Era bom saber que algumas coisas não tinham mudado.

Nanda continuava a ser seu porto seguro.

E por isso tinha tanto medo de decepcioná-la.

A garota fechou os olhos novamente, dessa vez com força, sentindo o choro se formar na garganta. Sem coragem ou energia para se mexer, resolveu fingir que dormia por mais uma hora arrastada. Não se sentia capaz de existir naquele momento, muito menos de encarar as consequências dos próprios atos. Cogitou ficar eternamente deitada até que seu corpo definhasse no colchão, ou até que Nanda viesse tirá-la da cama.

— Ei, Bela Adormecida, acorda pra vida. — A voz já muito conhecida e muito querida ressoou pelo quarto após algum tempo. Nanda abriu a janela, deixando a luz do meio-dia entrar. Acordou, enfim, mas por Nanda e não para a vida.

— Me desculpa por estar dando trabalho, — Foi a primeira coisa que disse, pois foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Nossa, mas nem um “bom dia” antes? — Nanda brincou, jogando-se na cadeira em frente à escrivaninha. Ela colocou os pés para cima na cama e cruzou os braços, encarando a outra. — Mas já que você tocou no assunto... Acho que precisamos ter uma longa conversa.

O balde de água fria que ela já sabia que vinha.

— Ah, não, tá muito cedo pra falar disso — resmungou, virando o rosto.

— E ontem a noite tava muito tarde. Sempre vai ter uma desculpa, então, o lance é o seguinte: se você quer

ficar aqui, vai ter que explicar que porra aconteceu nesse último ano.

— Eu não devia ter vindo... — resmungou, meio irritada, ainda sem coragem de olhar para Nanda, até porque reconhecia a própria birra. — Sabia que você ia brigar comigo.

— Mas é claro que eu vou brigar com você! — Nanda se levantou abruptamente em uma explosão de emoções que haviam se acumulado. Quando deu por si, estava gritando. — Você me chutou e depois desapareceu sem se despedir de mim! Nem de ninguém!

Todas as suas culpas proclamadas em voz alta.

E pior: na voz daquela que amava.

Eu te amo.

E é por isso que eu minto.

Tudo que eu toco vira cinzas.

E você, tão colorida,

Não merece esse destino.

Mas digo a verdade, só mais uma vez:

Eu te amo. Ao infinito e além.

(esse não tem data. é atemporal.)

DIA 41



— Eu já disse que não vou e não te devo explicação nenhuma, Gabriel — ela resmungou, seguindo pelo corredor com a vassoura. — Larga do meu pé!

— E eu lá disse que devia alguma coisa? Você tem um problema em entender o verbo “querer”, eu ein. Eu *queria* uma explicação, mas se tá tão difícil assim, deixa pra lá. — Apesar do que dizia, ele a seguiu até o próximo quarto. Observou enquanto ela varria, sem tirar os olhos do chão, e então se aproximou para perguntar: — É por causa de dinheiro? Porque se for, eu posso pagar pra você.

O comentário até a fez parar de varrer, de tão absurdo que soou aos ouvidos da garota.

— Por que esse foi seu primeiro chute, ein Gabriel? Você viu uma mina negra cheia de problema e pensou “deve ser dinheiro, né”, como se minha cor fosse sinônimo de pobreza?

— Não foi isso que eu quis dizer, desculpa. É só que... Você não fala nada sobre a sua casa, não tem um celular, não aceita nenhum rolê além da praia.

— Eu tenho meus motivos.

— Que você nunca vai me contar? Assim, eu vou começar a achar que, na verdade, você é uma criminosa procurada pela polícia e... — Ela o encarou com o cenho franzido e as mãos no quadril, e ele engoliu em seco. — Ok, desculpa, outro estereótipo racista.

Ele parecia tão culpado e sem jeito que foi difícil permanecer brava. Tinha que admitir, ele estava tentando, mais do que qualquer um, entender quem ela era. Ao mesmo tempo, era cansativo ter que ficar se justificando. Ela já fazia isso o tempo todo na própria cabeça. No entanto, não via outra saída, pois Gabriel a encarava com um olhar cheio de expectativa.

A garota largou a vassoura encostada na parede e soltou um suspiro profundo.

— Tá, deixa eu te contar dois segredos. O primeiro é que eu também sou uma burguesa safada. Esse lance de tirar um tempo para se reconectar... É meio o que tô fazendo, só que do meu jeito. O segundo segredo é que eu não consigo socializar direito. É por isso que eu não

fui no seu aniversário e é por isso que não vou nesse rolê hoje.

— Você é daquele tipo de pessoa que odeia todo mundo?

— Eu sou do tipo de pessoa que não gosta quando você tenta me classificar. Mas não, não odeio todo mundo. Eu tenho medo que eles me odeiem.

— Nossa, sério? Mas por que eles te odiariam? — Gabriel arregalou os olhos.

— Você não notou que você é literalmente a única pessoa que fala comigo?

— Notar, notei, mas eu achava que era escolha sua, porque, sabe, até quando eu tentei me aproximar, você meio que fugiu de mim. Talvez se você não evitasse tanto as outras pessoas, elas falassem mais contigo...

A sugestão foi tão sincera que chegou a ser ridícula. Claro que ele não entenderia. Ele era tudo que as pessoas gostavam. Simpático, disposto, divertido e de sorriso fácil. Conhecia bem o tipo, já tivera outro amigo assim, que conquistava as pessoas por onde passava.

Ela admirava e invejava na mesma medida.

DIA 188



— Você não sabe para onde elas foram? — a garota perguntou após contar sobre a república para Nanda. Estava encolhida na cama de Nanda, enrolada nos cobertores como se fossem um casulo capaz de protegê-la dos julgamentos do mundo. Mas não de Nanda.

Por isso, desviou o olhar para os desenhos na parede, sem coragem de manter o contato visual enquanto passava pelos pontos importantes do último ano. Contou sobre a vida em Santos, antes da partida, e sobre a preparação para a fuga. Contou sobre os dois hostels em que tinha trabalhado e sobre as praias que tinha explorado. Contou sobre Gabriel e Rita.

Nada sobre a tentativa.

— Não sabia nem que elas tinham acabado com a república... — Nanda respondeu, girando de leve na cadeira, e, ao contrário da outra garota, sem tirar os olhos dela. — Eu deletei suas amigas da minha vida na época que a gente terminou, lembra?

— E continuou assim? Mesmo depois que fui embora?

— Você achou que o seu sumiço ia fazer com que a gente se re-aproximasse?

Sim, achava. As meninas se davam tão bem e ela não se dava com ninguém.

O breve olhar tristonho foi suficiente para que Nanda entendesse a resposta.

— Em que mundo você vive, ein? O problema nunca foi você! — Nanda rebateu, inclinando-se para frente e levantando a voz. — O problema foi que você me deu um pé na bunda sem motivos e eu não sabia com que cara eu devia olhar pra elas depois disso!

E o pé na bunda voltava. Nanda nunca ia parar de jogar na sua cara.

— Me desculpa, é que eu não sabia como lidar com tudo que estava acontecendo e aí eu fui pra Santos e a distância separou a gente... — ela se encolheu mais na cama.

— Não culpe a distância! É só uma horinha de Santos pra cá, tem gente que mora em lugares mais distantes em São Paulo mesmo — Nanda continuou, cruzando os braços, com o cenho franzido. — O que separou a gente foi a sua própria distância emocional. Você criou esse

muro impenetrável e depois culpou todo mundo por não conseguir te alcançar aí dentro. Eu estava disposta a te ajudar, mas você *preferiu* o isolamento.

— Foi pro seu bem!

— Não! Foi pro seu próprio mal! — bradou.

A acusação lhe machucou os ouvidos de tão real. Só que o bem dos outros e o seu próprio mal pareciam dois lados de uma mesma situação. Um equilíbrio perfeito.

Nanda inspirou fundo, desinflou da raiva e continuou:

— Eu só fiquei sabendo que você sumiu porque seus pais me ligaram.

— Eles ligaram? — a outra garota perguntou, por puro reflexo e choque.

— Sim! Pra todo mundo! Eles moveram mundos pra te encontrar!

Houve um momento de silêncio enquanto a garota absorvia a nova informação. Queria acreditar que aquilo significava algo bom, mas não conseguia. Independente disso, teria que encarar a situação. Assim como tinha feito com Nanda.

Ela desfez o casulo de cobertores, antes de murmurar:

— Acho que vou ter que ir pra Santos, né? Você por acaso...

— Sim, eu vou com você.

Quanto mais eu cresço, menor me sinto e mais quero diminuir. Quero me encolher tanto em mim mesma até deixar de ser e me tornar era. Porque o passado é sempre mais bonito que o presente e, oras, sou escorpiana com tudo que tenho direito: a nostalgia e a dificuldade de seguir em frente. E passando pelas ruas de Santos é impossível não contemplar a verdadeira felicidade que foi deixada para trás há muitos e muitos anos. Pois, veja bem, foi naquela época, no auge da minha adolescência, que eu me sentia verdadeiramente grande. Tão grande que poderia alcançar o topo do mundo, se quisesse, mas eu não queria porque estava muito confortável ali na minha boba alegria. Se eu pudesse transformar aquele sentimento em algo concreto, o tomaria todo dia como remédio. Minha adolescência foi besta, de verdade, sem um único problema real na cabeça. Agora tem tantas coisas para pensar que eu sinto que esqueci como agir e só penso, penso, penso, penso, penso, penso e penso mais um pouco. Até a dor de cabeça chegar. Não é uma dor física, é dor psíquica, que antes eu não tinha. E penso, esse verbo me atormentando novamente: só queria ter dezesseis anos, estar bêbada e rindo tanto, ao ponto de me dobrar toda e bater a testa contra a mesa.

(02/03/2019)

DIA 191



— Você voltou a escrever? — Nanda perguntou, ao parar em um semáforo e desviar o olhar da rua para o caderno de capa amarela no colo da outra garota.

A pergunta era mais para quebrar com o silêncio, pois a resposta era óbvia. Ela tinha passado os últimos vinte minutos deslizando a caneta sobre a página, vomitando palavras. Por fim, fechou o caderno, com cuidado precioso, e o apertou com as duas mãos como se tivesse medo que as tais palavras escapassem dele.

— Eu nunca parei. É a única coisa que eu faço bem.

— Que mentira! — Nanda rebateu com uma risada. O semáforo ficou verde e ela deu a partida novamente. — Você faz muitas coisas bem, ok? Mas não era você que

dizia que a faculdade de Letras matou a sua escritora interior?

— Não preciso ser escritora para abrir um caderno e cuspir umas frases.

— Mas claro que precisa! Se você escreve, é escritora, oras.

A visão otimista de Nanda reverberou pela mente da outra garota. A faculdade não tinha matado a vontade de escrever, mas, sim, a confiança que tinha em si mesma.

Não importava mais. Tudo aquilo pertencia ao passado.

Foram mais vinte minutos de caminho por entre ruas que ela conhecia tão bem. Da infância ao passado recente, tudo naquela cidade estava marcado por memórias e histórias. Era tão pequena, mas cabia tanta coisa. Diferente de São Paulo que, de tão gigante, havia reduzido sua vida a quase nada. Ela acompanhou a paisagem pela janela enquanto o carro atravessava a avenida da praia; depois ele virou em uma esquina e entrou em direção ao centro por mais três quadras. Chegaram na rua da casa onde crescera.

— Tá preparada? — Nanda perguntou, colocando a mão sobre seu joelho.

— Nem um pouco. — Foi sincera, arrancando um riso da outra.

— Vai ficar tudo bem, eu tô aqui contigo. — A mão repousada lhe acariciou a pele com delicadeza. — E também, qual o pior que pode acontecer, né?

Eu sempre penso no pior e o pior é muito grande para ser delimitado.

Se eu deixo de estar, acho que teria sido melhor ter estado. Se estou, me arrependo e preferia deixar de estar. Se eu falo, tenho vontade de engolir de novo as minhas palavras. Se me calo, sinto entalado tudo que poderia ser dito, mas não foi. E como posso saber se foi melhor não ter tentado? Então, eu tento. E percebo que o melhor era não ter sequer cogitado. Se eu fico, me prejudico. Se eu vou, quero voltar. Eu nunca sei que ação tomar e a todo momento me questiono, penso e repenso. Me arrependo. No final é uma pegadinha e toda opção é errada.

Tudo sempre pode ser pior.

(??/2018)

DIA 49



- Eu tô bem feliz que você veio.
- Que bom, pelo menos um de nós está feliz.
- Você não veio pra ficar aqui no canto emburrada, né?
- Não, eu vim pra beber.
- Então, pega essa garrafa aí e vem comigo — Gabriel insistiu, puxando-a pelo braço. Estavam em um luau. Dessa vez, de verdade, com gente, música e bebida.

O evento foi organizado pelo Facebook e ela jamais saberia se não fosse por Gabriel. Parte do que ela queria, ao se livrar das redes sociais, era não cair na tentação de desejar eventos e depois se sentir mal por não ir, ou por

ir e não conseguir se divertir tanto quanto idealizava. Mas lá estava ela, em uma festa, como se tivesse motivo para festejar.

Por uma noite, ela desejou esquecer que era injusto ser feliz.

Atravessando por entre as pessoas, Gabriel a levou até a rodinha de amigos. Funcionários e alguns hóspedes do hostel dividiam bebidas e cigarros, enquanto conversavam animados. Ela conhecia todos pelo nome e função, mas imaginava que não era recíproco. A suspeita se confirmou quando Jennifer, uma garota alta e loira de olhos claros que usava tamanco para andar na areia, perguntou há quanto tempo ela trabalhava lá.

— Um mês e meio — ela respondeu e Jennifer se chocou.

— Como a gente nunca se falou antes?

— É um verdadeiro mistério — retrucou em tom sarcástico, imaginando que a resposta de Jennifer tinha sido um misto de educação e de se fazer de sonsa.

Era claro porque elas nunca tinham se falado.

Jennifer era uma borboleta social, enquanto ela ainda era uma peça fora do lugar.

*Parei de achar que me odeiam
Também superei a ideia de que me aturam
Pois odiar e aturar pressupõe que eu sou notada.
E nesse momento, me sinto como nada.
Não sou doce nem amarga,
Sou sem gosto,
Sem sal,
Sem graça.
E até acredito que gostem de mim
Mas só lá, de longe, ausente.
Porque ninguém faz questão da minha presença.
E se eu não estiver, ali, em carne osso,
Nem se lembram da minha existência.*

(10/10/2018)

DIA 191



“**VENDIDA**”, dizia a faixa por cima da placa, cobrindo o telefone da imobiliária.

Ela desabou, de forma literal, caindo de joelhos na calçada áspera.

As lágrimas caíram em seguida quando notou que o pior novamente se provava a ausência. Se antes tinha perdido a família de consideração, agora tinha perdido a de verdade. As pessoas que tinham escolhido ela como filha quando era criança.

— Até eles... — murmurou para si mesma. — Até eles fugiram de mim...

— Para com isso, amor — Nanda pediu, em tom carinhoso, abaixando-se para ajudá-la a limpar as

lágrimas. Segurou as mãos dela e beijou cada uma. — Você sabe que isso não é verdade, a sua casa estava para ser vendida há muito tempo! Já fazem o quê? Uns três anos?

O que Nanda dizia fazia sentido, racionalmente, mas para que a lógica surtisse efeito, precisava antes atravessar a barreira emocional entre o coração e a mente. E o coração tinha certeza absoluta: eles tinham aproveitado aquele momento para fugir dela.

— Mas por que vender agora?! — rebateu, em prantos. — Foram anos mesmo! *Anos!* E nos únicos *meses* que eu não tô por aqui, eles vendem!

— Deve ser coincidência.

— Ah, mas que grande coincidência, né?! Nem meus pais me querem e olha que eles literalmente me escolheram. E se nem eles me querem, quem é que vai querer?! — ela gritava, sem conseguir conter a mistura de raiva e tristeza que subia pela garganta. — Eu devia ter ficado no Rio mesmo. Ou melhor, eu devia ter morrido de uma vez!

— Não ouse falar uma merda dessas! — Nanda interrompeu, gritando ainda mais alto, fazendo a outra garota se calar. O silêncio pairou sobre elas por um momento que pareceu durar uma eternidade, até que elas se acalmaram o suficiente para que Nanda conseguisse prosseguir com a conversa. — E se serve de algo, eu te quero.

Ela não soube o que responder, de tão fixada que estava na paranóia de que ninguém a amava. Apenas engoliu o choro. Quando deu por si, Nanda estava sentada no chão junto dela. As duas passaram bons minutos assim. Nanda levou a mão até o rosto da outra garota em um gesto de carinho e limpou as lágrimas dela com cuidado, antes de dizer:

— Seus pais te amam e eu te amo também, apesar dos seus vacilos.

— Obrigada — ela murmurou, abrindo um pequeno sorriso.

— Por te amar?

— Não, por ter paciência comigo. Mas eu também te amo.

Meus pais são as melhores pessoas que eu conheço. Eles tem defeitos, claro, mas quem não tem? Cresci feliz, cresci bem. Foi depois, já crescida e por minha própria conta que as coisas começaram a desencaminhar na minha vida. Mas aí não é na conta deles, é toda minha. Eles me amaram muito. Até demais, eu diria. Porque agora eu espero um afeto que nunca vou receber de novo e todo afeto parece pouco. Sou uma verdadeira parasita, de afeto e de bens. Eu sei disso, tenho tanta consciência que até tentei me livrar de mim mesma.

O que dói é notar que eles pensam isso também.

(02/03/2019)

DIA 50



Já era madrugada quando seu limite social estourou. Um recorde pessoal.

Ela tinha passado a noite inteira na mesma roda, com um vinho barato na mão e um riso nervoso engatilhado. Bebia longos goles, ouvia uma piada, fingia que ria, concordava com a cabeça, fazia um comentário genérico e, quando o assunto voltava para ela, se encolhia.

Desconversou todas as conversas.

Aprendeu sobre todos e ninguém aprendeu sobre ela. Nada de novo.

O que havia de novo era que, em alguns momentos, ela contemplava o potencial de se divertir. Após meia garrafa de vinho, conseguia sentir algo dentro dela vibrar

de vez em quando; ao som de uma música ou ao descobrir um interesse em comum com alguém. Chegou a sorrir com sinceridade algumas vezes, mas não percebeu até fechar o rosto novamente. O nervoso sempre voltava para lembrá-la que ela não fazia parte de verdade.

Aquela noite era uma exceção. Ou ilusão.

Por isso, grudou no Gabriel e não largou de forma alguma. Para onde ele ia, ela seguia. Ele falava com todo mundo e todo mundo falava com ele, o que rendeu uma verdadeira excursão por grupos sociais. Ela achava ridículo, mas Gabriel parecia não ligar muito. O que realmente a machucou foram os comentários.

— Nunca ia imaginar que vocês fossem tão amigos! — disse Raíssa, outra garota que trabalhava no hostel. Amiga Jennifer. Nunca tinham se falado antes.

Nas entrelinhas, a mensagem captada foi: como podiam duas pessoas tão diferentes serem amigas? Ou melhor, como Gabriel podia ser amigo *dela*?

A garota perdida quis responder que também não sabia.

— Se o Gabriel não fosse... *ele*, eu até ia achar que vocês eram um casal.

Odiou ser lida como alguém que gostava de homens, mas odiou ainda mais ser reduzida à par do Gabriel, que era claramente o referencial. Sentiu-se diminuída.

— Até parece, gente! — Gabriel respondeu, rindo.

Ela não sabia dizer se era da cara dela.

DIA 191



— Tem algum lugar que você quer passar antes de voltar pra São Paulo?

— Tem a praia... — ela comentou, um tanto sem graça, mas Nanda atendeu ao pedido com alegria. Fez uma volta, girando o carro em direção à praia.

Chegaram logo e dispensaram o carro para caminhar pelo calçadão. Era fim de tarde, pouco antes do sol se pôr, e as duas decidiram esperar para ver esse grande espetáculo da natureza. Ao menos isso compensaria a viagem e parte da tristeza.

Em uma tentativa de encontrar um pouco de paz, ela decidiu molhar os pés na água do mar. Tirou os tênis e atravessou a areia com Nanda logo atrás até alcançar a

marola. Ondas pequenas quebravam contra suas canelas e ela fechou os olhos tentando se concentrar exclusivamente nelas. Uma pena que não fosse boa em meditar.

Os pensamentos negativos logo lhe alcançaram a mente.

— Você sabe um dos motivos pelo qual eu escolhi o Rio? — perguntou para Nanda que se encontrava bem ao lado dela quando abriu os olhos. A vontade de falar sobre assuntos como aquele era rara e Nanda nem ousou responder com receio de perder uma chance única. Ela apenas a mirou com interesse enquanto ouvia a explicação: — É porque parece uma mistura de São Paulo com Santos. Achei que talvez uma metrópole com praia pudesse me ajudar a reconectar os dois lados de mim mesma. Eu queria me remendar.

— E conseguiu?

— Definitivamente, não. Acho que eu só me rasguei mais.

— Você ainda tem muito tempo para se remendar, seja aqui, ou no Rio ou em São Paulo. Não é uma coisa fácil, a gente precisa primeiro aprender a costurar, né?

— Isso é uma metáfora sobre...? — indagou, achando graça.

— Aprender a lidar com a vida, fazer terapia, sei lá — Nanda respondeu, rindo e dessa vez foi acompanhada. — É uma metáfora sobre como fugir pro isolamento

esperando que uma cidade te salve não é uma solução válida.

— Justo. — Pela primeira vez em muito tempo, sentiu a mente clara, como o mar que lhe envolvia os pés. Ela conseguia ver razão nas palavras de Nanda. Talvez fosse o céu laranja, ou o frescor da água...

Talvez fosse o carinho na voz da ex-namorada.

— Eu senti sua falta — disse, procurando pela mão de Nanda.

— Eu também senti sua falta — Nanda respondeu, entrelaçando seus dedos nos dela.

— Não só no Rio, mas antes... Aqui.

— Eu sei. — Os olhos de Nanda, grandes e profundos, miravam cada detalhe dela. A lateral de seus corpos agora se encostavam sem nenhuma discricção e os rostos estavam perto o suficiente para fazer o mesmo. Sob os resquícios de laranja do céu, transformando-se em azul, as duas se abraçaram e selaram os lábios.

Um beijo doce, repleto de saudade.

Quando o azul escuro tomou conta, elas se afastaram.

Ambas sorriam, tanto com os lábios quanto com os olhos. Porém, Nanda, com todo o cuidado do mundo, fez questão de dizer:

— Por mais que eu esteja adorando tudo isso, só quero te lembrar que reatar um namoro esperando que isso te salve também não é uma solução. Se for pra gente acontecer, vai ter que ser do jeito certo, tudo bem?

Não eram as palavras que queria ouvir e, talvez, em outro momento, ela tivesse as traduzido como uma rejeição terrível. Mas não ali.

Diante do olhar gentil de Nanda, ela entendeu e assentiu.

— Agora vamos, antes que fique muito tarde.

De mãos dadas, elas voltaram para o carro em um silêncio confortável.

*Eu preciso que você saiba, meu amor,
Como tudo que você me faz é importante
Como ao teu lado, o mundo é gigante
Repleto de caminho e sentido
No meio do carinho e do sentir
E como quero segurar tua mão no caminhar
Mesmo que não sejamos boas nisso
Pois, assim, não importa pra onde eu vá
Sei que sempre estarei no meu lar
Porque é no teu peito
Nos seus olhos
Nas suas conquistas
E nos seus anseios
Que eu quero me abrigar*

(para sempre)

DIA 52



— Impressão minha ou você tá fugindo de mim?

— Impressão sua — mentiu. A verdade é que, desde o luau, ela não se sentia mais confortável de conviver com as pessoas do hostel, em especial o Gabriel.

Se antes ela passava pelos corredores invisível como um fantasma, agora ela havia se tornado uma verdadeira aparição. Pois de vez em quando as pessoas topavam com ela e se lembravam de sua existência, em um misto de surpresa com desprazer. Cumprimentavam porque tinham que cumprimentar, afinal, agora sabiam seu nome e seria feio fingir que não. Seria feio fingir que ela não era “a amiga do Gabriel”.

Mas ela não queria mais ser colocada ao lado de Gabriel.

Odiava qualquer efeito que a presença deles, lado a lado, podia produzir. Odiou quando acharam que eram um casal e odiou ainda mais ao se notar inferior a ele. E ah, como odiava sentir tudo isso! Ela era lésbica! Não queria homem nenhum e, inclusive, vivia com medo que Gabriel tentasse alguma investida. Então, por quê?

Por que ela se sentia mal com aquela rejeição?

— Você tá estranha mais que o normal desde o luau...
— ele insistiu, indo atrás dela pelo corredor. — Eu fiz alguma coisa? Falei alguma coisa?

— Não foi nada, Gabriel — rebateu, sem muita convicção.

— Foi por causa do comentário da Raíssa? Sobre a gente parecer um casal?

O chute certo deixou explícito o descontentamento.

— Ah, cara, ela só não sabe que você é lésbica e eu não me achei no direito de contar. Não imaginei que isso tinha te deixado tão desconfortável.

— Ai, não é só isso... — resmungou de volta, virando o rosto com vergonha.

— Então era isso!

— Gabriel, me dá um tempo, ok? Eu preciso de tempo!
— ela gritou, no meio do hostel, e os olhares se viraram em sua direção. Quis morrer e se enterrar.

Porém, o pior olhar era o de Gabriel. Parecia magoado.

— Agora sim a gente parece um casal — ele brincou,
mas não riu.

Dia 193



Ela olhou discretamente pela pequena janela na porta da sala. O grupo de estudantes continuava reunido em volta da mesa. Por olhar rápido demais, não conseguiu dizer quem eram as pessoas, nem se a Priscila era uma delas.

“Se você não vai procurar as pessoas na internet, vai ter que procurar na vida real!”, foi a condição que Nanda colocou e que a levou para a antiga faculdade.

Voltar para as redes sociais, onde todo mundo estava de olho em todo mundo, era muito humilhante. Preferiu seguir como anônima por São Paulo, onde podia transitar sem que ninguém a rotulasse como a garota surtada que fugiu de casa.

O mesmo ela podia dizer sobre a faculdade. Ninguém a conhecia por lá. Estudou por cinco anos no mesmo prédio, no entanto, nunca conseguiu se adaptar ao ritmo social dele. A única amiga que fez por conta própria foi Aline, que a apresentou para outras pessoas. Aline era a garota exemplo: popular e dedicada aos estudos. Mas encontrá-la, no meio de quinhentos alunos, seria impossível. Felizmente, Priscila era do mesmo grupo de pesquisa.

Ela atravessou pelo corredor repleto de estudantes, como se ainda fosse um deles, até achar a sala onde o grupo se reunia. Sentou-se na frente dela, esperando pelo final da reunião, até que ouviu alguém chamá-la:

— Ei, você é a menina que tinha sumido, não é?

Virou-se e encontrou uma menina baixa e gorda, de cabelos pretos e curtos, que ela não se lembrava de ter visto alguma vez na vida.

— Quem é você?

— Desculpa te assustar, meu nome é Karina. Eu fui sua caloura, mas você não deve lembrar... — a garota explicou, um tanto sem graça. — Eu sempre te via por aí, mas você sumiu e depois descobri que você, tipo, *realmente sumiu*. Eu acompanhei as notícias.

O comentário a deixou chocada com o fato de que alguém se lembrava dela, não pelo sumiço, mas pela *presença* na faculdade. Ela, por outro lado, não se lembrava da tal Karina. Sentiu-se mal por isso. Então, ateve-se a outra surpresa:

— Notícias? Teve notícias?

— Na internet. Você não sabia?

— Acho que ainda não voltei por inteiro — respondeu, sem jeito.

— Mas voltou, né? — Karina disse. Ainda sem graça, a menina tomou coragem e lhe deu um abraço. — Fico feliz de saber que você tá bem. Se cuida, viu?

E lá se foi pelo corredor, deixando-a para trás com muitas perguntas. Será que não era tão invisível quanto imaginava? Será que existiam pessoas que ela desconhecia, mas que se importavam com ela? Será que, em todo esse tempo, só ela não via os outros e nem a si mesma? O pensamento acelerado foi interrompido quando a porta da sala se abriu. As pessoas começaram a sair até que uma garota a viu parada ali e exclamou:

— Meu Deus, eu não acredito! Você tá viva! — O abraço veio em seguida.

— Todo mundo adora repetir isso como se fosse uma surpresa...

— Ângela, olha só quem tá aqui! — a garota gritou, puxando-a pelo braço para dentro da sala, onde sua antiga orientadora, Ângela, estava.

A senhora de cabelos grisalhos largou o que estava fazendo e lhe deu outro abraço. Dessa vez, ela retribuiu com gosto, pois amava e admirava Ângela quase como uma segunda mãe.

— Querida, como é bom te ver! Fiquei tão preocupada com você! Todos nós ficamos!

— Desculpa — ela murmurou. — Eu só... Fugi das minhas responsabilidades.

Esse era o problema de amar as pessoas: sempre acabava as decepcionando.

Sentia-se assim com Nanda, com seus pais e, claro, com a Ângela.

Durante todo o período que foi orientada por ela, morria de medo de ser descoberta como a farsa que era. Tinha certeza que em algum momento Ângela ia notar que ela não sabia o que estava fazendo e, quando isso acontecesse, não a aceitaria mais no grupo.

Mas, no final, o que aconteceu foi muito pior.

E aquela era a primeira vez, desde então, que tinha coragem de encarar a ex-orientadora.

— Não precisa pedir desculpas. Só me diga, como você está?

— Ah... Estou vivendo. — Parecia ser a resposta que todo mundo queria ouvir e, no fundo, era bom poder dizer em voz alta. — É uma longa história.

— Você faz falta aqui no grupo, sabia? — Ângela disse, com ternura, mas ela custou a acreditar. — Foi uma pena mesmo tudo que aconteceu... Imagino que tenha sido muito difícil lidar com a expulsão do curso, ainda por cima no meio de um luto. Mas você sabe que tem como tentar pedir para voltar, né? Com uma carta de recomendação. E eu te recomendaria com muito carinho.

— Eu não tô pensando nisso agora, mas obrigada, de verdade — respondeu, com um sorriso nos lábios e

lágrimas acumulando nos olhos. Era estranho, mas bom saber que, ali, ela não era lida como irresponsável ou instável. Respirou fundo, apreciando aquele momento de plenitude. Depois, voltou ao assunto que lhe interessava: — Ângela, na verdade, eu vim atrás da Priscila. Você sabe dela?

— Ah, você ainda não sabe?

*Todo dia eu acordo e penso: É hoje.
É hoje que descobrem a minha farsa.
É hoje que descobrem o que tem aqui por baixo da
máscara.*

*Porque é isso que me sinto e é isso que eu sou.
Bem-vindos à minha grande peça teatral!
Tão bem elaborada que eu já me perdi no personagem
há muito tempo.*

*Não sei onde começa o “eu” e onde começa o papel
que assumi.*

*E vejam que boa artista eu sou: além de atriz, sou
malabarista!*

*Jogando para o alto as responsabilidades sem saber
se vou conseguir pegá-las.*

Ou se elas vão acabar caindo na minha cara.

E todo dia eu acordo e penso: É hoje.

É hoje que o mundo cai na minha cara!

(??/2018)

DIA 57



Jennifer e Raíssa estavam na recepção. As duas cochichavam em cima do celular rosa, mas pararam ao notar a presença da outra garota no saguão. Raíssa cutucou a colega e Jennifer foi rápida em puxar o celular e colocá-lo no bolso.

— Oie, como você tá? — foi Jennifer quem perguntou, tentando parecer casual.

— Eu tô indo — respondeu, em desconfiança, sem ter muito o que dizer.

Poderia mentir que estava bem, mas não via muito sentido nisso; assim como não via sentido em contar a verdade sobre como estava mal. Não via sentido, na verdade, naquela troca de palavras. Já fazia uma semana

que tinha parado de falar com Gabriel. Ela achava que, naquela altura, as outras pessoas teriam parado de fingir que se importavam com ela. Afinal, elas só começaram a se importar quando descobriram que ela era amiga dele. Porém, elas continuaram a cumprimentá-la pelos corredores.

Aos poucos, o “bom dia” se tornou “o que você vai fazer hoje?”.

— Tem planos pro fim de semana? — Raíssa perguntou.

— Não... — resmungou em resposta, sentindo-se pequena. Com certeza elas tinham o que fazer, alguma festa para ir, um amigo para visitar.

Será que perguntavam só pelo prazer de vê-la admitir que não tinha nada? Será que era só para jogar na cara dela como tinha uma vida sem graça?

Com uma desculpa qualquer, ela fugiu das meninas. Notou, contudo, que, assim que virou de costas, as duas puxaram o celular rosa de novo e, entre cochichos, digitaram algo nele. Estavam zombando dela. Tinha certeza absoluta. Não seria algo inédito.

Sentiu o estômago revirar, o coração bater mais rápido, a respiração falhar e o corpo todo tremer. Apertou o passo para sair dali, desejando nunca mais ter que mostrar a cara para qualquer pessoa que fosse, mas, infelizmente acabou esbarrando na pior delas.

Trombou diretamente com Gabriel.

Ele estava com o celular na mão, claramente distraído, e parecia tão chocado quanto ela. Os dois trocaram olhares desajeitados. Ele abriu a boca para dizer algo, mas ela não quis ouvir. Murmurou um rápido pedido de desculpas e fugiu.

Gabriel olhou para trás, mas não a seguiu. Continuou seu caminho, em direção à recepção, e logo estava conversando com Jennifer e Raíssa.

*Foi bom enquanto durou.
E tudo que é bom dura pouco mesmo.
Por isso eu sigo aqui... Durando.*

(19/10/2019)

DIA 193



— Na Espanha?! Como assim?! — Nanda exclamou, tão em choque que até parou de mexer o risoto que esquentava no fogo alto. A outra garota colocou a mão sobre a dela voltando a fazer o movimento. Elas estavam na pequena cozinha, sozinhas no apartamento, porque os pais de Nanda tinham saído para jantar. Eles provavelmente levariam um prato para elas, mas, como convidada, ela ficava com vergonha de aceitar. Já bastava a estadia.

A garota deixou escapar um suspiro antes de explicar a situação:

— Pois é, a Priscila conseguiu uma bolsa de intercâmbio.

— Nossa, isso é incrível! — Nanda não precisou fingir e isso doeu.

Ela queria estar feliz pela amiga, mas, naquele momento, não conseguia. Eram vários fatores, desde a infelicidade já natural, até uma inveja que ela não era capaz de controlar. Enquanto Priscila tinha conseguido uma nova bolsa, em outro país, ela havia perdido não só a bolsa como a graduação e um lugar para chamar de lar. Estava tão atrás.

— É, eu acho que é...

— Você não parece estar achando incrível.

— Racionalmente eu acho, mas emocionalmente... — Outro suspiro lhe escapou. — Só fico pensando que ela foi pra outro país e eu nem fiquei sabendo. É meio triste.

— Mas como você esperava ficar sabendo? Você fugiu!

— Eu não disse que esperava... É só que perdi uma parte importante da vida da minha amiga e provavelmente nem fez diferença. Ela nem deve ter ligado. Foi melhor que eu sumi mesmo, assim ela ficou livre pra fazer o que queria.

— Olha, eu tenho duas novidades pra você: primeiro, ela já era livre antes e segundo, isso não é sobre você! — Nanda disse, sem papas na língua. — Você não pode ficar chateada por perder coisas que aconteceram enquanto você, somente você, decidiu fugir. O mundo continuou girando e as pessoas têm direito de continuar vivendo, inclusive de ir para outro país sem se despedir, assim

como você escolheu partir para outro estado sem avisar ninguém!

— Eu sei de tudo isso! Só queria, sei lá, uma cartinha de despedida.

— Eu sei bem como é isso, viu?

— Desculpa... — ela murmurou e desligou o fogão. — Não precisa chutar cachorro morto. Desse jeito, vou acabar temperando a janta com as minhas lágrimas.

— Foi mal, não era a minha intenção te deixar ainda mais chateada. Eu só quero que tente entender... Você foi embora por vontade própria, a gente chorou, a gente te procurou, a gente se preocupou, mas a vida não parou. Só você tirou uma pausa, a gente não.

— Mas eu não queria que vocês parassem... — ela resmungou.

— E o que você queria?

— Eu não sei. Acho que só queria fingir que nunca existi.

— Eu entendo o sentimento... — Nanda falou com mais carinho e calma. — Mas você precisa entender que isso é impossível. Você existe. Aqui, no Rio de Janeiro e nas nossas memórias, você existe. Ainda bem! Agora, comece a agir de acordo.

Eu não quero morrer. Isso é muito trágico, muito real, muito marcante. E eu não quero marcar ninguém, até porque sei muito bem o estrago que causa uma morte. Eu quero, justamente, desmarcar tudo que já toquei. Quero anular qualquer impacto que já causei. Quero voltar para a não existência, desaparecer no espaço e no tempo. Não quero que sintam minha falta e não quero me sentir mal por não sentirem minha falta. Eu quero sumir com tudo. Comigo e com o mundo.

Eu só quero não existir.

(2017/2018/2019)

DIA 63



— Você pode ir lá na cozinha um minutinho? — Raíssa pediu, colocando a cabeça para dentro do quarto. — O Diego tá precisando de uma ajudinha.

A vontade que tinha era de perguntar porque ela mesma não ia, porém engoliu a amargura e colocou de lado o livro da Agatha Christie. Com um suspiro pesado, levantou-se da cama e se dirigiu até a cozinha em passos lentos. Estava tão concentrada em se preparar psicologicamente que nem ao menos notou como o hostel estava quieto.

Quando abriu a porta, quase morreu de susto.

— Surpresa! — gritaram em uníssono. Todos os funcionários estavam na cozinha, batendo palmas e

jogando serpentinas em cima dela.

Demorou para entender o que estava acontecendo. A ficha só caiu quando ela viu um bolo com as cores do arco-íris em cima da mesa.

No topo dele, estava seu nome.

Ela tinha esquecido completamente do próprio aniversário.

— Parabéns! — disse Raíssa, surgindo por trás dela. O sorriso denunciava o orgulho por ter conseguido levá-la até a cozinha sem que ela desconfiasse. Logo Jennifer veio parabenizá-la também, tirando fotos com o celular rosa, e ela juntou os pontos.

Nunca tinha sido sobre zombar dela.

— Como vocês sabiam? — perguntou, em choque, depois de agradecer.

— O Gabriel que contou, óbvio, fofoqueiro do jeito que é! — Jennifer respondeu apontando para o garoto que estava ao fundo da cozinha.

Ele esperou que todos dessem os parabéns antes de se aproximar.

— Sei que você pediu um tempo, mas, em minha defesa, eu já tava planejando essa festinha antes da gente brigar — ele se explicou. — Você nem precisa falar comigo se não quiser, mas *precisa* comer esse bolo. É de doce de leite.

— Meu favorito! — Ela abriu um sorriso sincero.

— Eu sei — respondeu com uma risada. — Feliz aniversário.

— Saco! Eu não posso ficar brava com você depois disso! — Embora o tom fosse de reclamação, ela estava emocionada. Lágrimas se acumulavam nos cantos dos olhos e ela tentou ser discreta ao limpá-las.

— Isso que você ainda nem viu o presente.

— Tem presente?! — exclamou, cada vez mais surpresa.

Gabriel foi até um canto da cozinha e então voltou com uma garrafa de vodca.

— Tcham-ram! É um presente meu, mas também é um prêmio porque você tem mais de dez convidados na sua festa.

Diante daquele gesto de carinho, ela não se conteve. Chorou como uma criança. E, pela primeira vez em muito tempo, era um choro de alívio, que ela confundiu com alegria, pois já fazia tempo demais que tudo que sentia era negativo.

De qualquer jeito, chorou com um sorriso.

DIA 194



— Eu sei que você não quer voltar pro Facebook e sei que você pediu pra eu não adicionar suas amigas de novo, mas você não falou nada sobre procurar por elas, então... — Nanda fez uma pausa, culpada. — Eu achei o Facebook da Aline.

— Nanda! — ela brigou, tentando alcançá-la com o pé.
— Vou te chutar!

— Nenhum chute vai ser tão ruim quanto o nosso término — rebateu, rindo.

— Desculpa... — murmurou, em resposta, abaixando o pé.

— Chega de pedir desculpa por isso, já passou, tô até fazendo piada, ó! — ela respondeu, puxando o pé da

outra em uma brincadeira. — Mas sobre as suas amigas, achei só o perfil da Aline. Estranho, né? Nada da Talita.

— Eu não poderia ligar menos — resmungou, em negação.

— Sério mesmo que você não tá nem um pouquinho curiosa?

— Eu não... Só tive decepções com os outros desde que voltei. Tenho certeza que vai ser mais uma coisa na minha lista de tristezas.

— Eu fui uma decepção? — Nanda perguntou e ela revirou os olhos.

— Você sabe que eu tô falando da república e dos meus pais...

— Mas você só vai saber realmente o que aconteceu com a república se você falar com a Aline! — insistiu, virando a tela do computador na direção dela.

A contragosto, ela encarou o perfil na tela, com medo de descobrir uma verdade horrível por trás dele. E também medo de admitir que tinha abandonado a amiga.

*Mesmo nos meus momentos mais felizes
Tem uma tristeza profunda
Por trás do sorriso
No fundo da garganta
Mesmo entre aqueles que mais amo
Ainda resta o não pertencimento
Uma solidão que sempre me acompanha*

(25/10/2018. Feliz aniversário para mim.)

DIA 64



Ela estava na praia durante o dia, coisa rara.

Tinha sol, tinha gente, tinha animais, tinha vida. Ela se lembrou do primeiro dia no Rio de Janeiro, quando desceu na praia com mala e tudo e foi se sentar na areia. Ainda estava esperançosa, embora desesperada, para que o clima da Cidade Maravilhosa aquecesse seu coração. Não funcionou. Aos poucos, ela esqueceu de tudo isso.

Mas, ali, naquele momento, seu coração estava quente.

Gabriel passou a garrafinha de plástico com vodca e suco misturados, como tinham feito da primeira vez que saíram juntos. Ela bebeu com gosto, não para ocupar a

boca e não ter que falar, nem para esquecer dos problemas.

— Quem diria que o preço do seu perdão seria *apenas* uma festa — ele brincou.

— Não precisava ter feito... — desconversou, um tanto sem graça.

— Não *precisava*, mas eu *quis*. Lembra? A diferença desses verbos? — ele disse e ela revirou os olhos, contendo um riso. — E você gostou da festa, né?

— Gostei. Foi melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter planejado.

— Olha, mas isso não é muito difícil, ein — ele zombou com um riso e ela deu um tapa em seu ombro. — Mas que bom, fico feliz de te ver feliz.

Eles ficaram em silêncio por um momento. O coração dela estava quente ainda, mas alguma coisa doía na garganta. Um choro entalado que ela não sabia se era de felicidade, angústia ou culpa. Gabriel era tão bom com ela... E as pessoas do hostel que, mesmo não a conhecendo bem, tentavam alegrá-la. Era mais do que merecia.

Sentiu que estava enganando todo mundo. Precisava ser sincera.

— Acho que te devo um pedido de desculpas — ela disse, engolindo o orgulho que restava. — Por ter feito birra na última semana. Eu já disse que tenho problemas em socializar, né? O dia do luau foi complicado. Não sei se você percebeu, mas fiquei te seguindo o tempo todo...

E aí quando as pessoas comentaram sobre isso, parecia que estavam tirando sarro da minha cara, sabe? Como se todo mundo estivesse se perguntando como um cara que nem você aguentava ser amigo de alguém como eu. Me senti ridícula e descontei em você, mas eu sei que você não fez nada. O seu erro foi ser legal demais.

Gabriel ouviu tudo atentamente, balançando a cabeça para incentivar que ela continuasse a falar. Quando terminou, ele respondeu com bom humor:

— Olha, não vou negar, sou mesmo muito legal. Mas você também é! O seu erro é não enxergar isso! E, tipo, não precisa pedir desculpa, mas se você *me* tratou mal assim por achar que você não era legal o suficiente, eu fico aqui imaginando como você se trata...

Quando parou para pensar daquele jeito, notou que o problema não estava no olhar dos outros, mas no dela. No final do dia, a própria mente era a pior inimiga que tinha.

DIA 195



Perdida por não conhecer aquela parte da cidade, ela buscou pelo endereço, perguntando a estranhos na rua, até que encontrou o sobradinho meio escondido entre duas lojas. Tocou a campainha e, minutos depois, foi atendida por uma senhora que ela tinha visto algumas vezes na vida, a mãe de Aline. Uma senhora baixinha como a filha, e ainda mais miúda.

— Como é bom saber que você está bem! Não sabe como rezei por você! — a senhora dizia enquanto guiava a garota escada acima. — Aline ficou muito preocupada esses meses. Ah, coitada, já estava toda triste por conta do outro menino que morreu e aí você sumiu... Bom, ela mesma vai te contar, né? Imagino que vocês têm muito o que conversar. Vai ser bom ela conversar com alguém.

Depois que largou a faculdade, quase não sai de casa, nem traz gente aqui. Vai lá no quarto, pode entrar! É a porta da direita. Só tira o sapato antes.

Ela tirou os sapatos e seguiu até o quarto. Deu duas batidas na porta.

— Entra. — Ouviu a garota dizer lá de dentro, em voz fraca.

Quando entrou, encontrou a garota de cabelo curtinho e cacheado jogada na cama, com o celular na mão e um olhar vazio por debaixo dos óculos de grau, grandes demais para o rosto pequeno dela. Aline estava bem mais pálida do que a última vez que tinham se visto. E foi fácil reconhecer a cara da depressão. Afinal, ela a via todo dia no espelho.

— Aline, quanto tempo... — murmurou, com pesar no coração. Ao notar quem era, Aline melhorou o ânimo num salto, sentando-se na cama para recebê-la. Sem pensar muito sobre, ela foi direto para um abraço apertado. — Me desculpa.

— Por que tá pedindo desculpa? — Aline perguntou, ainda no abraço.

— Por ter ido embora.

— Ah, não, não vamos começar a conversa por aí. — Ela se afastou, com um sorriso triste. Duas coisas que não combinavam. — Como você está?

— Viva. E você? Como está? Sua mãe disse que largou a faculdade...

— Eu não larguei, eu tranquei — explicou mexendo a cabeça em negativa, fazendo os cachinhos balançarem junto. — Não estava mais aguentando levar depois de tudo. Quando você foi embora, fiquei ainda mais desestabilizada, sabe? Você era parte do meu apoio.

A culpa aos poucos tomou o coração dolorido da fugitiva.

— Eu achei que você estava aguentando tão bem... — lamentou, lembrando-se dos motivos que a tinham empurrado para outro estado. — Tão melhor do que eu. Você passou em todas as matérias enquanto eu não conseguia mais passar em nada. E aí achei que, sei lá, eu estava te atrapalhando. Te segurando no passado e te lembrando do que aconteceu.

— Amiga, estou sempre lembrando do que aconteceu. Não era você, nunca foi.

— É, eu tô aprendendo isso agora. — Lembrou-se das palavras de Nanda. — Mas eu devia ter notado que você também estava sofrendo e ficado do seu lado.

— Tá tudo bem, eu não te culpo. Ninguém tem um manual de como agir e seguir com a vida depois que um amigo se mata. — Aline proferiu sem pudor aquilo que a outra tanto evitava dizer em voz alta. Aquele trágico acontecimento que vivia no fundo da cabeça dela a todo momento. — Eu fiquei com tanto medo de perder você também.

Então, as lágrimas começaram a rolar de forma torrencial. As duas se envolveram em um abraço e

choraram tudo que tinham acumulado no último ano.

*O seu fantasma paira sobre mim
Durante a noite, durante o dia
Através de memórias distorcidas
Que refletem plena alegria
Porque você
Com seu encanto e simpatia
Era tudo que eu queria ser
E ainda não faz sentido aqui
Que logo você que, pra mim, tudo tinha
Decidiu não ter mais nada
O que leva uma pessoa tão iluminada
A acabar com a própria vida?
Eu não sei
Porque eu não sou essa pessoa
Mas queria ser
Queria ser quem você foi em vida
E quem você é em morte mais ainda*

(2017)

DIA 64



Já estava de noite e quase toda a garrafa de vodca tinha ido embora quando ela começou a falar e chorar. Depois do estalo inicial, ela não conseguiu mais parar.

— E foi isso que aconteceu... Não que eu não tenha sempre sido um pouco triste ou um pouco medrosa. Ninguém é feliz o tempo todo e isso faz parte. Mas ser *triste* o tempo todo é muito possível e não deveria ser normal. Não sei porque aceito como normal. Ele não aceitou, tanto que fez o que fez. — Ela fez uma pausa, antes de continuar: — Depois que ele morreu, não consegui mais ver a vida do mesmo jeito. Parece injusto tentar ser feliz quando ele não tem mais essa chance.

Gabriel a observava com atenção, mas não disse nada.

— Ele era tão incrível, você não faz ideia... Acho que vocês dois iam se dar bem — continuou. — Mas é, não tem mais volta, tudo foi desabando depois dele. Primeiro foi a faculdade. Reprovei em todas as matérias. Todas *mesmo*. Sabe o que é não ter capacidade de tirar um mísero seis? A faculdade disse “não te queremos aqui!” e eu fui expulsa. Perdi minha vaga e minha bolsa de pesquisa. Só que eu já tinha gastado parte do dinheiro, coisa burra, eu sei, meus pais tiveram que tirar do bolso deles pra devolver... Eles dizem que não se importam, mas não acredito. E eu me pergunto até hoje como as outras pessoas conseguiram manter o ritmo, sabe? Como a Aline não desabou que nem eu... Sempre chego a conclusão que sou mole demais, a vida me fez mole, nunca precisei endurecer. Até agora.

Ela parou de novo, como se precisasse de um tempo para continuar.

— Mas aí, depois da faculdade, me enfiei no buraco de minhocas da minha cabeça. Comecei a pensar que as meninas da república me achavam ridícula, muito negativa, que eu estava poluindo o clima da casa e aí levei todos esses problemas pra minha namorada. Ex-namorada. Porque teve isso também... A gente terminou. Ou melhor, eu terminei só pra ela não ter que terminar comigo. Mas isso foi depois que voltei pra Santos, porque meus pais estavam preocupados com o meu estado

emocional. Um jeito suave de dizer que me tornei um problema pra eles. E eu *gosto* de Santos, realmente gosto, só que lá eu me sentia mais inútil que nunca. Antes eu morava em São Paulo, com uma casa pra chamar de minha, estava na faculdade e seguindo carreira acadêmica, e, de repente, lá estava eu, de volta com os meus pais, sem nada pra fazer. Muito mais tempo pra pensar besteira, sabe?

Houve um momento de silêncio, onde tudo que se podia ouvir eram as ondas quebrando na orla e os soluços entre lágrimas. Chorou até começar a se cansar.

— Você quer um abraço? — Gabriel perguntou.

Sem a armadura emocional, despida diante das fraquezas e franquezas, ela aceitou o abraço e se acolheu nele. Vestiu o afeto do amigo e chorou mais.

DIA 195



Aline levantou e foi até o armário, de onde tirou uma caixinha cheia de papéis. Procurou por um envelope amarelo e, assim que o encontrou, voltou para a cama.

— A Priscila te deixou um recado antes de viajar, sua doida. Para de arranjar problema pra cabeça! — disse, jogando o envelope em cima da outra garota. — De problema já bastam os reais, não precisamos inventar mais.

A garota contemplou o envelope sem coragem de abrir. Seu coração bateu mais forte e ela não sabia identificar se era de alegria ou medo. Guardou-o na mochila, sem ler.

— A república ia acabar uma hora, não foi culpa sua. Todas nós já chegamos lá sabendo disso. Calhou que esse foi o momento mais propício... Você tinha ido embora, a Priscila recebeu a notícia do intercâmbio, a Talita estava lá com aquele namorado dela e aí sobrou só eu, toda fodida da cabeça. Achei melhor voltar pra minha mãe.

— Então... Não tinha nada que eu pudesse fazer? Mesmo se estivesse aqui?

— A gente não ia manter a república só eu e você. Imagina, duas deprimidas sem o menor senso de organização cuidando de um apartamento de três quartos! Nunca que ia dar certo! — Aline riu e ela se viu contagiada pela risada. Imaginou as duas criando gambiarras para cumprir a lei do mínimo esforço. — Mas a gente pode continuar sendo amigas mesmo não morando juntas, sabia? É só você não desaparecer! Tenho feito isso com a Talita.

— Por falar nisso, como ela está? Fico preocupada, não confio naquele cara.

— E com razão, né? — Aline concordou com desgosto na voz. Não era segredo pra ninguém que o namorado de Talita era um babaca. — Ai, sei lá, nas redes sociais eles parecem o casal perfeito, mas ela me conta cada coisa...

— Ué, mas a Nanda disse que não achou o Facebook dela!

— É porque não é dela, é dos dois. Perfil de casal. — Ela fez um gesto como se forçasse vômito. — Afinal,

quem precisa de privacidade e independência, não é?

— Gente, mas que absurdo! E bem a Talita! Eu tô inconformada!

— Todas estamos — disse com um suspiro cansado de quem já acompanhava a história há tempo demais. — Olha, amiga, se você estiver pensando em bater na porta dela também, aproveita e bate na cara desse filho da puta de quebra, tá?

— Pode deixar que eu vou mesmo.

**ESA ES LA CARTA DE LA SUERTE!
GUARDE EN EL CORAZÓN PARA TENER
CINCUENTA AÑOS DE SUERTE!**

Essa seria a mensagem que eu teria te mandado pelo whatsapp se você não tivesse deletado tudo. Infelizmente, você me colocou nessa posição de ter que ESCREVER uma carta a mão, então lide com a minha letra. Você sabe que eu não sou boa com palavras (piada de letrista), mas aqui vai: eu estou com saudades de você. Custava você ADIVINHAR que eu ia ganhar um intercâmbio pra só depois resolver sumir? Eu queria um abraço seu. E queria te dar um abraço pra te prometer que vai ficar tudo bem. Talvez essa carta não esteja no tom que você estava esperando... Mas a escrevi pensando positivo, pensando que você ia voltar e ia voltar BEM! Então é uma carta pra essa versão de você que vai rir um pouquinho enquanto lê. Espero que você esteja rindo. E talvez chorando um pouco. Só pra constar, eu chorei quando você sumiu, tá? Então tá permitido chorar com a minha despedida também. Quando você voltar, quando eu voltar, vamos ter tantas coisas para fofocar. Estou animada para esse dia. Então, espero que você me espere.

**Eu te amo. Aguenta firme, amiga.
Priscila.**

DIA 74



— Não sabia que você beijava homens!

— Pois é, eu também não sabia. — Gabriel concordou.

— Acho que minha viagem para me reconectar comigo mesmo tá sendo um sucesso, né?

— Bem que sempre te achei legal demais para ser hétero. Quem é o cara?

— O nome dele é Thiago. Conheci na praia. — ele contou, mostrando a foto no celular. Um garoto negro de cabelo raspado e sorriso brilhante. — Eu fui surfar outro dia. Na verdade, tentar, né? Você já imagina. E aí conheci ele junto com outros caras, mas, sei lá, a gente se deu muito bem mesmo. Fomos ficando pela praia de noite, depois de levar muito tombo nas ondas. Eu levei, no

caso. Ele é muito bom com uma prancha... E com a boca. Mas enfim! De noite ele chegou em mim, perguntou se eu ficava com caras, e eu respondi que não, mas que tudo na vida tem uma primeira vez, né? Ele riu e me beijou.

— E tu gostou?

— Muito! Ficamos a noite toda juntos e vamos sair de novo amanhã!

— Ai, que bonitinho — ela comentou, com o coração derretido pela história. Lembrava o próprio romance, a parte boa, claro. Mas as lembranças da época em que ela amou e foi amada era uma das poucas coisas que ainda a alegravam. — Tô vendo o jeito que você fala dele e já sei o final dessa história. Vai dar namoro.

— Calma lá, sem projetar sua história de amor não superada em mim, ein?

Ela deu uma cotovelada em Gabriel, sem paciência para um sermão. O pior é que ele tinha razão. Era exatamente isso que estava fazendo, projetando o fracasso que foi o relacionamento com Nanda em um que talvez conseguisse ver dias melhores.

Não gostava do caminho que as coisas tinham, mas agora o estrago já estava feito. Ela e as malditas inseguranças sempre sabotando os raros momentos de felicidade. Sempre achara Nanda boa demais para ela, já nas primeiras palavras que tinham trocado. Nanda era linda, descolada e divertida. Ainda não entendia como a garota caíra no seu papo furado por tanto tempo. Mas

Nanda caía, por horas e horas, assim como Gabriel e Thiago.

Sentia falta dela. Não só naquele momento, mas especialmente nele.

Perguntou-se se Nanda também sentia falta dela, pelo menos um pouco.

DIA 199



Ela limpou as lágrimas com a manga do casaco e viu Talita tirar um lençinho da bolsa só pra isso. As duas choravam, mesmo lutando contra a tristeza que transbordava, e as pessoas no shopping olhavam preocupadas quando passavam por elas.

— Desculpa não ter marcado lá em casa... — Talita disse, enrolando uma mecha do cabelo liso e tingido de loiro no dedo indicador. — É que o Vitor tá trabalhando e eu sabia que a gente ia chorar um monte, ele ia reclamar e ia ser pior pra todo mundo.

O desgosto em seu rosto foi aparente, mas ela só disse:

— Tá tudo bem. Mas chega de falar sobre mim, chega de luto, sinto que falei mais nos últimos dias do que no último ano. Me conta como anda a vida a dois.

— Anda boa... — A boca pintada por batom rosa-chiclete dizia, mas o corpo claramente discordava. Talita abraçou os próprios braços magrelos e olhou para baixo, como se tentasse esconder algo. — Não é bem como eu imaginava, mas, sei lá, o principal não me falta. Eu tenho alguém para quem voltar no fim do dia. É pra isso que a gente namora, não é?

Pelo jeito, Talita continuava na mesma lógica inversa de que era melhor ser mal acompanhada do que sozinha. A garota entendia a solidão da amiga, mas enquanto Talita estava disposta a se jogar em qualquer relação que pudesse lhe dar o mínimo de conforto, ela queria mais era se afastar de tudo e de todos.

— Mas você tinha para quem voltar na nossa república.

— Mais ou menos, né? Cada uma tinha a própria vida... Tanto que você foi embora e a Priscila também. — A mágoa cobria cada uma das palavras. Em meio a inquietação, Talita mordiscou a unha comprida com um esmalte vermelho descascado antes de dizer: — É diferente de morar com um namorado, sabe? Ele não pode só ir embora.

— E nem você...

— Mas eu não quero ir embora. São sempre as outras pessoas que vão.

Ela sentiu o comentário ácido queimar parte de si. Abandonara as amigas em um momento que havia sido difícil para todas, e não apenas para ela.

— Desculpa... Eu não devia ter fugido — murmurou, mas Talita não respondeu. Passaram-se alguns minutos em um silêncio desconfortável até que ela teve coragem de continuar o assunto: — Eu vi que você deletou seu Facebook.

— Você viu? — Ela estreitou ainda mais os olhos finos. — Era a última pessoa que eu esperava que visse, você nem tem Facebook.

— Bom, você era a última pessoa que eu esperava que deletasse uma rede social — rebateu, tentando manter o tom amigável. — Você era a maior blogueirinha!

— Isso mesmo: era. No passado. O Vitor não quer que eu fique me expondo — falou antes de notar como tinha soado mal. Ela balançou a cabeça e tentou remendar o motivo: — E eu também não preciso mais disso, né? Já tenho quem me valorize.

— Ah, não, amiga, que porra é essa? — Deixou escapar um pouco da indignação que sentia. — Desde quando você deixa um homem mandar em você?

— Que porra é essa sou eu que pergunto! — Talita reagiu, defendendo aquilo que tinha construído. Afastou seu corpo da amiga e deixou que a mágoa subisse à cabeça enquanto bradava a plenos pulmões: — Você pega o bonde andando e quer sentar na janelinha?! Você

nem sabe o que aconteceu nesses meses e vem me julgar?! Ah, vai se foder!

— Não quero te julgar, quero te ajudar!

— Quando eu precisava de ajuda, você não estava aqui.

E a verdade veio à tona. Talita não a perdoava.

*Eu sei que não sou apoio firme
Pois sou mesmo gelo fino
Um passo em falso e te derrubo
Nas águas frias do meu rio
E por isso me desculpo
Se não sei ser ombro amigo
E se me falta coragem
Em momentos de conflito
Mas tento ser abraço companheiro
Se me deixar envolver tua tristeza
No meu instável mareio*

(2017)

DIA 91



— Eu amo como você não liga de segurar vela — Gabriel disse, rindo, com a melhor das intenções e Thiago concordou. Era um elogio, ela sabia, porém os ouvidos mal acostumados da garota traduziram o comentário para um tom maldoso.

Primeiro, ela se sentiu patética. Estava sozinha junto com o casal feliz, o que ressaltava a própria solidão e tristeza. Depois, sentiu-se incômoda. Afinal, Gabriel não comentaria aquilo se não fosse algo que estivesse pensando. Aquele era o jeito agradável que ele encontrara de demonstrar que ela não deveria estar ali. Então, a voz interna gritou à ela que era inadequada. Porque qualquer outra pessoa teria recusado aquele

convite, mas ela era sem noção e solitária, não tinha mais o que fazer naquele dia e nem com quem conversar, já que Gabriel era literalmente seu único amigo. E aí se tocou que era uma segunda opção. Ou talvez terceira, quarta, quinta, provavelmente um número alto, pois, se Gabriel comentou que ela não se importava era porque outras pessoas se importavam e como ele ia saber disso se não as tivesse convidado antes dela? Ela só tinha um amigo, mas ele tinha muitos.

Percebeu, então, que não devia estar ali. Até queria estar ali, o que era novidade, mas não devia. Estava fora do lugar. Thiago ficaria com uma impressão horrível dela. Não que tivesse como ser diferente: ela era mesmo uma pessoa horrível. Mas e se Gabriel tivesse contado para ele sobre essa menina que o seguia para qualquer lugar como uma desesperada porque não tinha mais ninguém? Agora ela estava ali, provando tudo isso.

Os dois riam. Ela não conseguia.

— Eu acho que preciso ir — disse, de súbito, levantando-se e indo embora.

DIA 199



Ela olhou o mapa do metrô e contou a distância até a estação Tietê, de onde partiam os ônibus para fora do estado. Contemplou por um longo momento a possibilidade de só fugir novamente. Dessa vez seria melhor, afinal, já não existia mais república, seus pais tinham sumido e ela estava morando de favor na casa da ex-namorada. Dessa vez, não causaria problemas, apenas traria soluções. Dessa vez, ela podia ficar para sempre no Rio.

Sem Gabriel, sem Rita.

Dessa vez, o sempre podia acabar logo.

Respirou fundo, o máximo que conseguia mesmo que não fosse suficiente, e tentou acalmar a mente. Ainda

ouvia Talita dizendo o quanto ela tinha errado e feito mal para as pessoas que amava. Seus olhos doíam de tanto chorar. Ela só conseguia se perguntar quando tudo aquilo ia acabar.

Deu meia volta, em um lapso de consciência, e tomou o metrô de volta.

Já faz tempo que exaustão virou descrição para esse meu estado contínuo que nunca passa. Não é mais estar, é ser. Sou um cansaço ambulante, que se acumula e se corrói. Me cansa o corpo, a mente e o emocional. E me cansa em um lugar mais profundo aqui dentro, tão profundo e tão eu que não sei dar nome. E não importa o quanto eu pare, o quanto eu deite no chão, o quanto durma, o quanto eu chore, o quanto eu tente descansar, essa falta de algo, essa não plenitude, não vai embora. Não tem como descansar desse cansaço. Ele não se desfaz. E, às vezes, sinto que não tem outro jeito de deixar de ser exausta além de deixar de ser. Sumir com o corpo, enterrar a mente e calar o emocional.

(??/2018)

DIA 97



Animado, Gabriel contava sobre o último encontro com Thiago. Estavam descansando entre os turnos, sentados no saguão do hostel, e Gabriel mostrava fotos que tinha tirado do crush enquanto ele fazia manobras na prancha. Ela, como a boa amiga que desejava ser, queria estar tão animada quanto ele, mas infelizmente não conseguia, pois sabia que Thiago, com seu grande sorriso e seu papo fácil, era o tipo de pessoa que Gabriel realmente gostava.

Eles combinavam. Doía no ego e doía na própria existência.

— O que foi dessa vez? — Gabriel perguntou, com um suspiro, guardando o celular no bolso. — Você tá

esquisita comigo de novo.

O tom dele não era preocupado, mas cansado. Era inevitável, uma hora ia acontecer. Sempre acontecia e ela entendia. Tentou poupar a conversa desagradável.

— Não é nada com você, eu só tô mal, pra variar.

— Mal você sempre tá. — As palavras infectaram suas feridas abertas. — Sei diferenciar quando é só você e quando é comigo.

— Se eu tô sempre mal, por que você ainda insiste em ser meu amigo, ein? — ela rebateu, recolocando a armadura que há um tempo abandonara. Claramente tinha sido um erro. — A verdade é que não vejo sentido na nossa amizade. Você é uma pessoa que poderia falar com qualquer um e não consigo entender porque perde seu tempo comigo. Isso come minha cabeça todo dia, fico esperando o momento que você vai me puxar de canto e dizer que foi uma pegadinha. Como você disse... Eu sou triste e ninguém gosta de gente assim.

— Não foi isso que eu disse, você está distorcendo as minhas palavras.

— Eu consigo ler nas entrelinhas, assim como você consegue ler entre as minhas tristezas. Essas coisas não precisam ser ditas, a gente sente. Eu vim pra cá porque não queria atrapalhar mais ninguém e aí você apareceu e esqueci, por um momento, como eu era um peso, mas agora caí na real de novo. Eu sei que uma hora você vai embora, então prefiro só cortar meu apego agora. —

Quando deu por si, ela estava de pé, pronta para ir embora.

— Ah, não, você tá fazendo de novo! — ele acusou, também machucado, levantando-se também. — Tá fugindo sem motivos e terminando comigo pra eu não terminar com você!

— É melhor assim — ela garantiu antes de sair andando contra os protestos do amigo.

Pensou em todo mundo com quem tinha cortado laços. Pensou em Nanda.

Pensou em como deveriam estar melhor sem ela. Gabriel também ficaria.

Estou sempre no limite da importância e da irrelevância. É como se eu estivesse no centro de todo o caos do mundo e, ao mesmo tempo, eu não existisse. Minhas ações causam mal, mas minha presença não faz diferença. Uma dualidade contraditória que, aos poucos, me mata. Como é possível? Ser um problema enquanto se é invisível?

(20/08/2018)

DIA 200



Ela já acordou triste.

E nem mesmo o belo rosto de Nanda foi capaz de acalmar a angústia que borbulhava dentro de si. Continuou deitada na cama, paralisada, mesmo quando a outra garota sentou-se na ponta dela, acariciando sua cabeça com dedos delicados.

— Não vai me contar como foi o encontro com a Talita?

A pergunta foi ignorada e a única resposta foram as lágrimas que escorreram. Passou mais longos minutos assim.

— A culpa é minha — por fim, murmurou.

— Culpa de quê?

— Da Talita estar morando com um cara escroto.

— Nossa, como isso é culpa sua? — Nanda indagou, incrédula.

— Se eu não tivesse fugido, isso não tinha acontecido. Aquilo era tudo o que ela havia tirado da conversa.

— Primeiro que você não tem como saber como as coisas teriam acontecido nesse universo paralelo, segundo que a culpa da Talita estar com um cara escroto é exclusivamente do cara escroto e, terceiro, como exatamente você ia impedir isso?

— Eu ia estar aqui pra ela. — *E magicamente tudo seria resolvido*, pensou.

— Muitas pessoas estavam aqui pra ela — Nanda explicou com paciência, limpando as lágrimas da outra garota com o polegar. — Você não era a única na república, nem a única na vida dela, e, mesmo assim, ela foi morar com ele. Não tinha muito o que fazer...

— Mas ela me falou que eu a abandonei e foi por isso que...

— Ah, amor, ela não tá certa em falar uma coisa dessas, mas tenta entender de onde ela tá vindo... A situação é complicada. E não tem nada a ver com você.

— Eu abandonei minhas amigas quando elas mais precisavam de apoio.

— Não, você se abandonou quando você mais precisava de apoio. — Dessa vez, seu tom era firme, mais que carinhoso. — Você não tem como ajudar os outros quando você mesma está fraca. Uma coisa foi

consequência da outra, mas não dá pra começar tratando o efeito, tem que tratar a causa primeiro. — Nanda pegou as mãos da namorada, trazendo a atenção dela para si. Beijou cada uma na tentativa de acalmar um pouco aquele coração sofrido, e então disse: — Acho que tá na hora de você voltar pra terapia.

Sinto como se eu estivesse permanentemente nublada. Não sou uma tempestade constante, mas uma garoa irritante. Não tenho a alegria de uma manhã ensolarada, muito menos a doce sensação do calor. Não tenho a claridade que torna tudo mais vivo, só diversos tons de cinza que aos poucos se tornam pura escuridão. E eu já vejo o tempo se fechar mais.

As primeiras gotas caem.

Ah... Lá vem o temporal.

(??/2018)

DIA 104



— Ei, como é que você tá? — Jennifer perguntou, colocando a mão no ombro da garota. Não soava como uma pergunta casual. O tom e a expressão dela carregavam pena e uma pitada de tristeza. — Vai ser difícil se acostumar com o hostel sem ele, né?

— Eu não sei do que você tá falando.

— Ai... Desculpa. — Ela disse, arrependida. — Eu achei que você já sabia.

— Sabia o que?

— Que o Gabriel vai embora.

A notícia lhe atingiu como um tiro diretamente no coração. Ela achou que doeria menos depois de ter se afastado, porém não serviu de nada. A armadura que

vestia tinha buracos. E a única coisa que toda a antecipação conseguiu foi deixá-la triste por mais tempo, sem aproveitar os últimos momentos com Gabriel.

Abalada com seus medos se tornando realidade, ela saiu pelo hostel em busca do amigo (prestes a se tornar ex). Encontrou o garoto no quarto, arrumando a mochila. Ao notar a presença dela, o semblante dele se tornou triste.

— Eu juro que ia me despedir de você — Gabriel logo se explicou e ela sentiu as lágrimas começarem a cair, sem controle.

— Ia mesmo?! Ou eu não mereço uma despedida?!

— Claro que merece! Mas é a despedida mais difícil... Fiquei pensando em como te contar sem que você ficasse achando que é culpa sua.

— Foi por isso que terminei com você antes! Eu sabia que isso ia acontecer!

— Isso não é sobre você, ok? — Essas palavras doíam tanto quanto amenizavam a culpa, despertando um sentimento contraditório sobre a própria insignificância.

— Meu tempo no hostel já estava pra acabar, aí calhou que eu conheci o Thiago e dezembro tá aí, então... A gente vai viajar junto. — Gabriel abriu um sorriso sem graça. — Antes de voltar pro Natal.

— Você vai voltar pra cá no Natal?

— Não, eu vou voltar pra minha casa...

— Ah. — Ela deixou escapar antes de entrar em súbito silêncio. Às vezes esquecia que as outras pessoas tinham

casa, família e amigos para onde voltar.

— A gente ainda pode se falar, se você quiser... Eu quero manter contato contigo, saber como você tá e quem sabe se trombar em algum outro lugar.

— Eu não tenho celular — ela rebateu na defensiva. — Nem Facebook.

— É, então, assim você me complica. Mas se você mudar de ideia sobre odiar redes sociais, você sabe como me encontrar. — Gabriel abriu um meio sorriso e tentou lhe dar um abraço, mas ela recuou. — Eu espero que você fique bem.

Ela completou na própria cabeça: *bem longe de mim*.

Você veio com seu sorriso e carisma, sua felicidade e simpatia, mexer em mim e na minha rotina. Conquistou minha admiração e, mais que isso, minha afeição. Me fez de quase amiga, o que é mais do que eu costumo ser, mas menos do que eu gostaria. E quando você partiu, quebrou tudo que construí em volta da sua presença. A realidade e a expectativa. Acabou com a minha rotina. Você foi, para não pensar em nada mais que ficou para trás, para esquecer de tudo, inclusive de mim. Buscou seu próprio fim, deixando o meio na minha vida. E eu não sei o que fazer com esses restos de memórias, vontades e esperanças que eu depositava na sua conta. Estou quebrada, mais do que antes de você me remendar. Estou rasgada de saudades e sei que não vou encontrar outro como você para me ajudar.

E mesmo se encontro, não quero permitir que alguém me faça feliz como só você foi capaz para depois me abandonar de novo.

(03/2017)

DIA 207



— E o que te trouxe aqui? — perguntou a médica, sentada à frente.

— Muita coisa — respondeu, tentando ser menos resistente.

Era uma terapeuta nova, pois a antiga tinha mudado de consultório no último ano. Mais um lembrete de que a vida continuava na sua ausência. Nanda que recomendou, marcou e a levou, mesmo contra todos os protestos e desculpas esfarrapadas.

Agora, lá estava ela, sentada na sala minúscula sem escapatória.

— Bom, talvez você possa começar pela parte que mais te toca.

Tudo lhe tocava. Ela era como uma ferida aberta.

E por isso foi direto ao que tinha causado tal ferida.

— Eu tô vivendo um luto. Um amigo meu morreu. Ou melhor, um amigo de uma amiga minha se matou... E eu não sei porque isso me afetou tanto desse jeito. Eu nem era tão próxima assim dele, eu queria ser mais. Bom, talvez isso tenha sido um motivo. Eu tinha expectativas, sabe? De me aproximar e um dia a gente ser realmente amigos... E aí eu só não tive chance. Ou tive e não aproveitei a tempo. E eu fico me perguntando se isso teria feito alguma diferença, se eu poderia ter feito algo. Acho que não. Até porque ele não era uma pessoa sozinha, não era um clássico caso de depressão, que nem eu, que você vê na cara da pessoa que ela é triste. Não, ele era feliz. Ele era simpático, divertido, sempre com um monte de gente em volta, sempre disposto a ajudar, sempre uma presença marcante do jeito bom. Ele era amado. Ainda é e muito. E eu acho tão injusto, logo ele ir embora desse jeito. Eu não consigo entender. Preferia que fosse eu no lugar dele. E aí... Eu tentei, sabe, como se isso fosse trazer ele de volta de alguma forma.

— E há quanto tempo isso aconteceu?

— A morte dele? Dois anos. A minha quase morte? Um mês.

A médica tirou um breve momento de silêncio, antes de responder:

— Todo processo de luto é particular e leva o tempo que for necessário, mas dois anos é muito tempo para estar pensando que preferia que fosse você no lugar dele, não acha? E preciso te corrigir em duas coisas: primeiro, ele não era feliz. Ninguém que é feliz comete suicídio. Ele podia parecer, ainda mais aos seus olhos que claramente o viam com muito carinho, mas aquilo não era felicidade. A outra coisa é que você disse não ter sido próxima dele, mas dá pra notar que você era, emocionalmente. Proximidade não tem a ver com o tempo que você conhece alguém ou o quanto vocês se falam, é sobre afeto. E você claramente nutria muito afeto por ele, o que é uma coisa linda de se ter dentro de você. Agora falta transferir esse carinho todo para si mesma. Vamos trabalhar nisso.

Ela deu de ombros e desviou o olhar para a mão que cutucava um fio solto na cadeira.

— Não acho que tenha saída para mim. Sou um caso perdido.

— Enquanto você estiver viva, sempre existirá saída — a psicóloga disse. — E você pode tentar mais de um caminho para chegar até ela. Um deles é aqui comigo. Vou te ajudar a se encontrar. Mas o que acha da possibilidade de fazer acompanhamento com um psiquiatra também? Seria um suporte, para que você consiga caminhar.

— Você quer dizer... Tomar remédios?

— É uma sugestão. Porque você disse que já fez terapia antes.

— Por anos.

— Exatamente. Pense com carinho nessa opção, tenho quem te indicar.

A garota balançou a cabeça no automático, mas ponderando internamente sobre a proposta.

*No caminho do autoconhecimento, eu me quebrei.
Rompi com as mais básicas e absolutas verdades que eu
tinha
Sobre a única pessoa que eu poderia chamar de minha.
Aquela vida que, com tanto cuidado, elaborei...
Não pertence mais a mim nem a ninguém.
Sou apenas um projeto de ser humano infundado
Que agora, mais do que nunca,
Jaz desmoronado.
Vejo pedaços de mim estatelados pelo chão;
Vejo tudo aquilo que um dia foi uma construção
E eu sei que preciso recolher os meus restos
Eu sei bem que preciso me consertar...
Mas, infelizmente, não sou mais capaz de lembrar
O tipo de pessoa que já fui
E o tipo de pessoa que esses cacos deveriam formar.
Me tornei uma pilha de sobras e fios soltos
Me tornei um grande nada palpável.
E talvez seja esse o momento de criar uma nova eu,
Que consiga se encaixar dentro de mim
De forma minimamente confortável.*

(03/2019)

DIA 224



Ela encarou os pequenos comprimidos na palma da mão com certa repulsa.

Bastaria um pequeno e simples movimento para levá-los à boca, talvez nem mesmo precisasse de água para ingerir o que muitos consideravam pílulas da felicidade. Mas, por algum motivo que ela não compreendia totalmente, isso era muito difícil.

Mais difícil que fugir para outro estado.

Muito mais difícil do que tentar acabar com a própria vida.

A autodestruição corria no seu sangue, ou talvez fosse no cérebro através de sinapses mal formuladas que lhe concediam um diagnóstico de depressão, mas o autocuidado não. O autocuidado era fórmula artificial,

como aqueles comprimidos, e nunca vinha naturalmente para ela. Vinha de um esforço consciente contra o próprio cérebro. E por isso ela considerou jogar os comprimidos pela privada.

Porém, a batida na porta do banheiro a interrompeu. Ela fechou a mão antes de dizer:

— Entra!

E Nanda pôs a cabeça para dentro com um olhar curioso.

— E aí? Tomou o remédio?

— Sai da minha cabeça, Nanda — resmungou em resposta e a outra garota riu.

— Se eu estivesse na sua cabeça, menina, eu já tinha feito uma limpa! — Ela sentou na tampa da privada e encarou a menina acuada que fechava o punho com força, como se tentasse esconder os comprimidos. Então, suspirou. — Qual é o problema?

— O problema é que eu não acho que preciso disso... O médico nem me conhece direito e já saiu me dando remédio, sabe? Deve ser mais um que participa da conspiração farmacêutica para deixar as pessoas dependentes para que elas continuem comprando mais.

— Hm, não queria dizer nada não, mas isso soa como paranóia...

— Nanda, eu tô falando sério!

— Eu também estou! — ela rebateu. — Ele te deu o quê, afinal? Um antidepressivo e um estabilizador de humor? O que tem de errado nisso? Você tem mesmo um

humor meio oscilante... Além disso, sua terapeuta também acha que vai te fazer bem. Tomar remédio psiquiátrico não é o fim do mundo, muitas vezes é o começo. E muita gente toma... Inclusive eu.

O comentário atraiu a atenção da menina que largou um pouco a postura defensiva.

— Como assim? Nunca te vi tomar nada. E eu meio que moro aqui agora.

— É porque eu tomo escondida no banheiro, igual você tá fazendo. Todo dia. Já faz quase um ano, mas eu ainda tenho vergonha, por isso não te contei. Só que não quero mais ter que esconder uma parte da minha vida. Porque a ansiedade virou isso: rotina.

O constrangimento que Nanda carregava na voz era prova inegável de que ela estava falando a verdade. E se Nanda, que era perfeita aos seus olhos, também tinha demônios que precisavam ser exorcizados com uma dose de pílulas, ela sentia que também podia.

— Desculpa, Nanda, eu nem imaginava...

— Tá tudo bem. Eu sei que é uma frase super clichê que roda no tumblr desde 2012, mas eu ainda acho válida: todo mundo está lutando uma batalha que você não sabe nada a respeito. Até a menina que você beija, no caso euzinha. E, sabe, você não foi a única que teve a saúde mental afetada nesses últimos anos... A gente mora no Brasil.

A outra garota riu e puxou Nanda pela mão para dar um selinho nos lábios dela com carinho.

— Bom, então, vamos assumir as nossas batalhas juntas, ok?

— Vamos. Chega de vergonha.

Em seguida, a garota levou os comprimidos à boca e os engoliu com certa dificuldade. A primeira vez de um hábito que a acompanharia por anos e se tornaria cada vez mais fácil.

DIA 326



— E conseguiu se ajustar aos remédios? — perguntou a terapeuta.

— Acho que sim... — respondeu, entre uma fungada e outra. — Não sinto mais tontura, nem tanto sono, apesar de continuar engordando... Mas isso é o de menos.

— Tudo isso faz parte do processo. E o seu humor, como anda?

— Tá melhor. Realmente faz uma diferença não cair no choro todo dia por motivos que não existem fora da minha cabeça... Quem diria, né? — ela riu sem jeito e, embora a médica nunca a acompanhasse na risada, se sentia livre para fazer esse tipo de comentário dentro do consultório. Tinha aprendido que humor também era um

jeito de lidar com pensamentos negativos. — Agora eu consigo respirar fundo antes de ser sugada pelas espirais de paranóia. Antes era muito fácil que um medo puxasse o outro e, de repente, eu nem sabia onde tinha começado, só sabia que precisava fugir deles de um jeito ou de outro.

— Que bom. Eu te disse, o remédio não resolve, mas te dá forças para tentar resolver.

— É, é bem diferente do que eu imaginava... Faz tempo que eu não me sentia capaz de encarar as coisas. Eu diria que estou firme. E eu não quero mais fugir.

— Isso significa que nos veremos na semana que vem?

— Sim, sim, eu vou voltar. Prometo não desmarcar dessa vez.

Despediu-se da mulher, com um abraço desajeitado. Ela não gostava muito, mas achava que a terapeuta fazia de propósito para tratar de seu distanciamento e falta de jeito. Aos poucos estava se acostumando. Talvez fosse mais rápido se não faltasse semana sim, semana não, mas o mais importante era que estava tentando.

E cada tentativa valia a pena.

Ao sair da sala de terapia, ela passou em frente a um espelho e parou por um momento para limpar o rosto. Seus olhos estavam absurdamente vermelhos. Ajeitou a camiseta preta que antes ficava folgada e solta, mas

agora apertava em várias partes. Ela precisava comprar roupas novas que abraçassem seu novo tamanho, em um gesto de boas-vindas ao próprio corpo. O pensamento de querer ter algo novo a alegrou repentinamente. Fazia tempo que tudo que desejava era se livrar das coisas, pois não via perspectiva de futuro.

Não era apenas sua aparência que estava mudando. Ela se sentia diferente, por dentro.

Com um sorrisinho nos lábios, ela deixou o prédio um pouco mais aliviada do que tinha entrado. Logo em seguida, ouviu uma buzina e notou que o carro de Nanda estava estacionado mais a frente na rua. Ela o contornou e foi para o banco de passageiro.

— Ué, por que você veio me buscar hoje? Não que eu esteja reclamando...

— Eu tenho ótimas notícias! — Nanda respondeu, jogando as trancinhas verdes para trás, e então entregou um pedaço de papel com um número telefônico. — Eu estava indo pra faculdade quando liguei o rádio numa estação aleatória sem querer, mas me distraí e quando dei por mim, notei que estavam falando sobre pessoas desaparecidas.

— Nanda, quem ouve rádio? Da nossa idade, em 2019?

— Isso não é a parte importante da história! — Nanda jogou o celular no colo da outra num breve momento de

suspense. — Esse é o número da sua mãe. Liga pra ela! Agora!

A garota mirou o número, claramente de Santos, e sentiu as mãos tremerem. Pensou que estaria mais nervosa caso esse momento chegasse, mas tinha passado por tanta coisa nos últimos tempos que agora só restava saudades da família.

Ela digitou cada número com cuidado e, então, telefonou.

Tocou uma, duas, três vezes.

— Alô? — A voz familiar acariciou seus ouvidos e ela quase voltou a chorar.

— Mãe! Sou eu! Eu voltei.

DIA 123



A partida de Gabriel a quebrou por completo. Não só porque ele era o único amigo que tinha no Rio de Janeiro, mas porque a lembrava do último amigo que tinha perdido. Por mais que a situação fosse bem diferente, o sentimento de perder alguém era muito parecido.

Era um segundo luto, em pleno Natal.

As cores vibrantes contrastavam com o seu semblante sombrio e cinzento. As pessoas percebiam cada vez mais a tristeza que ela carregava no peito. Por isso, ela foi embora daquele hostel. Partiu para outro, onde não tinha ninguém. Ninguém para falar de Gabriel, ninguém para perguntar se estava tudo bem, ninguém que soubesse seu aniversário, ninguém que a quisesse por perto. Assim passou o Natal. Sozinha, como deveria ser.

Afinal era para isso que ela tinha ido para o Rio de Janeiro, não era? Para se isolar, da dor e do amor, e nunca mais deixar alguém lhe abandonar.

Era para nunca mais incomodar. Era para desaparecer.

Pensou muito em desaparecer durante as datas festivas.

Inclusive, pediu de presente para o Papai Noel:

— Eu só quero desaparecer.

*Noite infeliz, noite infeliz
Ó senhor, Deus da dor
Pobrezinho morreu em SP
Eis na Lapa, fiquei sem meu bem
Dorme em paz, meu amigo
Dorme em paz, meu amigo*

(25/12/2018)

DIA 266



Ela tocou a campainha e a resposta foi imediata. A mãe abriu a porta e os braços, e antes mesmo que ela pudesse dizer qualquer coisa, estava envolvida em um abraço apertado. Ela retribuiu com tudo que tinha, de bom e de ruim, e assim ficaram por longos minutos, agarradas uma à outra, como se fossem se perder caso largassem aquele gesto de carinho.

— Eu não acredito que você está mesmo aqui, inteirinha! — A senhora, também negra, mas de pele um pouco mais clara, dizia aos prantos enquanto acariciava os cabelos crespos da filha. — Você não sabe o quanto eu fiquei preocupada, imaginando o que poderia acontecer com minha filhinha. Eu pensava em você todos os dias, todas as noites, sem parar.

— Me desculpa... — ela murmurou de volta em tom baixo que só pôde ser ouvido devido a proximidade física entre as duas. Disse porque precisava dizer, porque tinha errado, e não porque sentia que a mãe queria que ela se redimisse.

Tinha passado tanto tempo com medo da reação da mãe para notar que ali só tinha alívio.

— Deixa isso pra depois, eu só quero saber de você agora, se você tá bem!

— Eu tô melhor do que antes.

Sua mãe a soltou, em lágrimas, e segurou seu rosto com as duas mãos como se precisasse do tato para compreender que, sim, ela era real. Olhou no fundo dos olhos da filha, tentando ler tudo o que tinha acontecido naqueles meses, mas desistiu quando percebeu o suficiente: ela estava realmente melhor do que antes. Beijou uma pálpebra, depois a outra e por último beijou a testa.

A senhora sorriu grande, mostrando os dentes.

— Estamos todos melhores agora. Eu te amo tanto!

— Então por que vocês foram embora? — ela perguntou, sem a mesma mágoa de antes. Era mais para sanar a dúvida que a consumia. A mãe a encarou sem entender a pergunta, até que ela explicou. — A casa... Eu tentei voltar pra casa. Mas ela foi vendida.

— Ah, querida, você não sabe como essa venda foi uma briga... — respondeu, com um suspiro pesado. — Eu tentei convencer seu pai a não vender porque eu tinha a

esperança de que você ia aparecer em algum momento, mas ele disse que era a melhor oferta que a gente ia conseguir e que também não era saudável para mim ficar tão apegada àquele lugar. Eu dormia no seu quarto, filha, para ver se meus sonhos me revelavam sobre você. O silêncio... Ah, o silêncio foi me matando aos poucos. A casa era grande demais sem a sua presença. Então, acabamos nos mudando para um lugar menor. Não foi porque fugimos ou desistimos de você, foi pra que aguentássemos a falta que você fez nas nossas vidas.

Ela abraçou novamente a mãe, mais forte, como se desejasse alojar-se em seu ventre para nunca mais deixá-la. Era aconchegante de um jeito que ela nem se lembrava mais.

— Desculpa, mãe, eu achei que era pro seu bem, nunca quis te fazer sofrer!

— Eu sei, meu amor, eu sei.

*Respiro fundo
Encho meus pulmões de ar
Sentindo-me leve
Mas tão leve
Que chego a flutuar
E tudo que me segura
Me trava e me aperta
Parece se soltar
Sinto que agora eu posso
Não só posso como devo
Alcançar o céu azul
Me unir ao sol
E irradiar luz*

(01/06/2019)

DIA 365



“Bem-vinda ao Facebook, Larissa”, dizia a mensagem na tela.

Abaixo dela tinham várias opções de perfis para adicionar como amigos. Aline, Priscila, Talita e Vitor, entre várias outras pessoas da faculdade ou da escola, e então Gabriel. A primeira foto que apareceu no perfil era junto com Thiago, o surfista que Gabriel conheceu no Rio de Janeiro. Pelo jeito, a história de amor tinha engatado.

Larissa hesitou por um momento antes de adicioná-lo, pois sabia que não tinha sido uma boa amiga para ele.

Lembrou-se que ele tinha dito que queria manter contato e tentou acreditar mais nele do que na voz interior que dizia que ela ia só incomodar. Era algo que

estava aprendendo na terapia. Talvez aquela também fosse uma nova chance de mostrar outros lados de si, que não eram tão tristes ou defensivos. Por fim, adicionou o perfil dele com um mísero clique. Era tão mais simples do que sua cabeça fazia parecer.

Nanda, deitada atrás dela, abriu um sorriso enorme.

— Ai, que orgulho de você, meu amor! — a garota, agora com trancinhas amarelas, declarou e deu um beijo estalado no rosto de Larissa, abraçando-a. — Eu tô muito feliz que você finalmente voltou pra internet porque, pelo amor de Deus, é o século XXI e eu não aguentava mais ser o seu pombo correio!

— Até parece que você teve que me repassar muitos recados — Larissa rebateu, revirando os olhos, mas com um sorriso. — A popular desse namoro aqui é você.

— Nem começa! — Nanda bronqueou, meio séria e meio na brincadeira, enfiando o indicador no ouvido da namorada como forma de punição. — Sem se autodepreciar! Tá proibido! Vou contar pra sua terapeuta, ein!

— Ai, Nanda, para com isso! — Ela se virou para escapar da mão dela, rindo como antes não fazia, e acabou virando o corpo de frente para a outra. Nanda também ria, mas as duas pararam quando notaram a distância mínima entre seus rostos. Elas selaram os lábios.

Um beijo doce, não mais repleto de saudade.

— Que saco, eu não quero ir pra casa... — Larissa resmungou.

— Pensa pelo lado positivo, você *tem* uma casa — brincou, um pouco preocupada se estava cedo demais para fazer aquele tipo de piada. Mas Larissa riu, balançando a cabeça.

— Besta — rebateu, puxando-a para mais um beijo.

O beijo foi interrompido pelo som do novo celular, indicando uma notificação. Ela desviou a atenção por um momento e viu a mensagem:

“Gabriel aceitou a solicitação de amizade”.

Oficialização. Eles eram mesmo amigos.

Ela sorriu para o celular, virou-se para Nanda e viu a namorada sorrindo de volta, com orgulho estampado no rosto.

— Viu? Eu disse que ia ficar tudo bem!

Larissa contemplou aquele momento com carinho.

Depois de muito tempo, ela finalmente se sentia grata por não ter morrido.

São Paulo continua cinza. Ele continua em falta. Minhas amigas continuam cada uma com sua própria vida. Minha família continua preocupada. E eu continuo.

Continuo aqui, continuo viva, continuo na terapia, continuo tentando continuar.

Um dia de cada vez, um pé na frente do outro, estou aos poucos deixando de ser era para me tornar sou. Estou abrindo mão de viver de passado e me abrindo para o futuro, enquanto mantenho minha mente no presente. Fiz as pazes com o fantasma que me acompanha para que possamos, nós dois, ter paz finalmente.

Não é sempre fácil, mas está cada vez mais fácil.

É o que eu repito para mim mesma todo dia na frente do espelho.

E assim me lembro de quem eu queria ser, de quem eu já fui e me concentro em quem eu posso ser a partir de agora. Porque eu já estou aqui e finalmente aceitei que não tem como deixar de existir, então resta apenas me reconstruir.

É um processo de evolução e revolução. Queria poder dizer que está sendo rápido e emocionante, mas seria uma mentira. Não quero mentir sobre processos de cura, pois seria dar falsas esperanças de suavidade a respeito de uma realidade dura. A verdade é que, para derrubar os muros que construí ao meu redor, preciso de paciência e dedicação para remover os tijolos, um por um, até vislumbrar algo de bom para além da depressão. É um

trabalho cansativo e, por vezes, me pego sabotando meu próprio caminho, pois os buracos no muro me deixam vulnerável.

No entanto, continuo.

E agora eu consigo ver o horizonte.

Meu horizonte tem praia e companhia. Às vezes tem beijo, outras tem luau e muitas outras vezes ainda aparece o temporal. Mas eu aprendi que dá para abrir um guarda-chuva e que eu posso me abrigar na casa de alguém quando necessário.

Mais importante que isso: aprendi que atrás das nuvens sempre tem o sol.

RECADO FINAL

(inspirado no livro Céu Sem Estrelas, da Iris Figueiredo)

Escrevi esse livro como parte do meu próprio processo de cuidado, pois acredito que a arte serve também para acolher e expressar sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. E digo que foi apenas parte porque, como espero ter já deixado claro, é necessário mais do que arte e também mais do que boas companhias. Depressão é uma doença séria que precisa de auxílio psicológico profissional. E eu sei que psicólogo e psiquiatra é coisa cara, no final do dia o dinheiro pode não trazer felicidade, mas traz a possibilidade de ir atrás dela. Mas existem alternativas mais acessíveis para quem não pode arcar com o preço de tratamento particular. Então, caso você se sinta como a protagonista, não hesite em buscar caminhos para lidar com isso, não deixe que esse tipo de sentimento te consuma. Procure ajuda.

Atendimento Psicológico no SUS

O Sistema único de Saúde (SUS) oferece atendimento psicológico e psiquiátrico gratuitos através dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps). Você pode se informar a respeito pelo site da prefeitura da sua cidade ou se direcionar à unidade de Caps mais próxima para passar pela triagem.

Atendimento em Clínicas-Escola

Há também atendimento em clínicas-escola, um serviço desenvolvido em universidades que possuem curso de psicologia, com o objetivo dar retorno e atender as demandas da comunidade. Os atendimentos são feitos por alunos perto da conclusão do curso, sob a supervisão de professores, e costumam ser gratuitos. É possível encontrar informações sobre as clínicas-escolas na internet, ou pessoalmente nas próprias universidades.

Atendimento em instituições (ONGs, empresas etc.)

Outra alternativa é buscar por instituições que oferecem esse tipo de serviço gratuitamente ou por um preço simbólico. Os critérios para triagem e atendimento podem mudar conforme cada instituição e alguns locais utilizam de critério socioeconômico para isso. Você pode encontrar mais informações sobre essas iniciativas na internet e entrar em contato diretamente com as instituições para se cadastrar.

Atendimento online

É possível também recorrer à terapia online. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou recentemente a Resolução CFP nº 11/2018, que trata sobre atendimento psicológico através de meios tecnológicos de comunicação a distância. A nova norma amplia as possibilidades de oferta de serviços, mantendo

as exigências previstas na profissão. A terapia online pode ser realizada de qualquer local e costuma custar menos do que a tabela de preços tradicional.

Centro de Valorização da Vida

O Centro de Valorização da Vida (CVV) não é um atendimento psicológico profissional, como os outros itens citados na lista, e não o substitui. No entanto, ele pode ser bem útil caso você precise de ajuda imediata ou de alguém para te ouvir. Ele é composto por voluntários treinados para situações de emergência. Você pode ligar para 141 ou 188 para ser atendido por um voluntário, ou acessar o site (link: <https://www.cvv.org.br/>) [cvv.org.br](https://www.cvv.org.br/) onde existe a opção de conversar via chat.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha namorada, Daniela, por ter me acompanhado nos últimos seis anos pelos altos, mas principalmente pelos baixos, que infelizmente foram muitos até eu receber um tratamento adequado. Obrigada por me segurar nos momentos que eu não conseguia me manter firme, por me dar a mão quando eu precisava levantar, por comemorar todas as minhas conquistas, por menores que fossem, por sempre me apoiar a seguir meus sonhos e por acreditar em mim quando eu mesma desisti. Nós crescemos muito juntas, como um casal e pessoas, e tenho muito orgulho de ter feito essa jornada pela vida ao seu lado. Não poderia ter uma companhia melhor. Você é minha Nanda.

Em seguida, preciso agradecer à minha mãe, Raimunda, que desde sempre foi uma grande inspiração e fonte de amor e cuidado. Esse livro não existiria se não fosse por ela e não só porque ela me pariu, mas também porque ela me ensinou o amor pela escrita quando eu era pequena (ela escreve também!) e me ensinou a respeitar meus sentimentos, meu tempo e quem eu sou por toda a vida. Quando eu estava no fundo do poço, escrevendo esse livro, foi ela quem me fez procurar tratamento e, sinceramente, mudou minha vida. Como

eu gostaria que todo mundo tivesse uma mãe como você para dar apoio nos momentos de crise.

Também quero agradecer às minha amigas que viveram o período de luto comigo, em especial a Juliana que literalmente viveu comigo, na mesma casa, por essa fase terrível. Obrigada por me fortalecer, por ser sempre uma fonte de carinho e luz, mesmo quando você mesma não está em um momento bom. Vamos juntas por esses altos e baixos.

Obrigada à Maria Freitas que me convidou em 2019 para participar da Coleção Todas as Letras do Arco-Íris, onde essa história encontrou um espaço pela primeira vez. Essa oportunidade me trouxe muita coragem para expor meus sentimentos e minha arte.

Obrigada à Lívia Ferreira pela leitura crítica e sensível do meu texto, com todo o carinho que ela colocou em cada dica para deixar esse livro melhor. E por todo o apoio durante o período de lançamento.

E obrigada a todo mundo que comprou e leu a primeira versão! Recebi muito apoio e mensagens de empatia na época, foi muito bonito e importante para mim. É só por isso que essa versão está voltando. E, claro, obrigada a todo mundo que leu até aqui!!!

A vida e a nossa mente nem sempre é fácil de lidar, mas pode ficar mais fácil quando se tem apoio adequado e uma rede de afeto. Então, obrigada por me ouvir!

Que continuemos lidando e caminhando.

SOBRE A AUTORA



Nascida em 1995, Marina Feijóo mora em São Paulo, é formada em Ciências Sociais pela USP e ama todo tipo de escrita, inclusive a acadêmica. Atualmente estuda antropologia com o foco em questões de gênero, sexualidade, raça e mídia, o que se reflete também em seus textos literários. Já publicou alguns contos que estão espalhados por aí em antologias e outros que estão enterrados na gaveta. O Centro de Todo o Caos, originalmente parte da Coleção Todas as Letras do Arco-Íris (organizada pela Editora Resistência em 2019), é sua estreia como escritora independente.

Você pode acompanhar a autora pelo twitter:
[@marinafeijoooo](https://twitter.com/marinafeijoooo)